



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS AGRÍCOLAS

RELATÓRIO FINAL DO ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO

Nome do estagiário: Maria Gabriela Freire Lins

RECIFE

2019

MARIA GABRIELA FREIRE LINS

RELATÓRIO FINAL ECO

Relatório apresentado para avaliação do estágio curricular do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE como requisito para a conclusão do curso

Orientadora do estágio e relatório:

ECO I – Prof.^a Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos

ECO II - Prof.^a Andréa Alice da Cunha Faria

ECO III - Prof.^a Maria Elizabete Pereira dos Santos

RECIFE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

L759r Lins, Maria Gabriela Freire.
Relatório final do estágio curricular obrigatório
Hidrotec agrícola / Igor Leonardo Barbosa Pires. – Recife, 2019.
69 f.

Orientador(a): Maria Elizabete Pereira dos Santos.

Coorientador(a): Gilvânia de Oliveira Silva de Vasconcelos, Andréa
Alice da Cunha Faria.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de Agronomia, Recife, BR-PE,
2019.

Inclui referências, anexo(s) e apêndice(s).

1. Educação formal 2. Educação crítica 3. Educação do campo
4. Estágio curricular obrigatório I. Santos, Maria Elizabete Pereira dos, orient.
II. Vasconcelos, Gilvânia de Oliveira Silva de, coorient. III. Faria, Andréa
Alice da Cunha, coorient. IV. Título

CDD 630

Dedico a Mãe Natureza, pois, sem ela, nada seríamos. A minha mãe Maria, em quem me inspiro em tudo e principalmente na arte de ensino-aprender, a qual só caminha com o princípio do amor. Aos meus tios, Romero e Ronaldo, que me mostram o amor pelas coisas simples e da terra. A todos meus ancestrais que carrego em minha essência. Aos meus amigos, minha família escolhida. Sou-lhes grata e dedico tudo o que escrevi, mas também tudo o que sou.

AGRADECIMENTOS

A construção só é de fato vivenciada se ocorrer em coletivo. Nada sou se nós não somos juntos. Como me disse uma vez um professor, acordamos coletivamente. Por isso, devo meus agradecimentos a todas as pessoas que construíram comigo todos os conhecimentos teóricos e práticos. Cada vivência significou muito para mim no que diz respeito ao término do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas e na culminância desse ECO em forma de relatório. Às vezes lamento pela finalização de algum ciclo, mas vejo que não mais é do que a soma para um outro começo, em que terei a oportunidade de, a partir da mudança que ocorreu em mim, promover novas transformações em outras pessoas e em mim.

É pelo desejo de continuidade e pela satisfação de ter vivido esse processo tão desafiador, que agradeço às instituições, principalmente as públicas, que me subsidiaram nessa onerosa caminhada, UFRPE, CODAI, SERTA, EFAs, cooperativas, associações e tantas outras. À coordenação do meu curso e ao seu corpo docente, que com muito carinho, competência e paciência nos apoiou em tantos desafios, bem como nos proporcionou olhar para a realidade de forma investigativa, participante e crítica, sempre buscando trabalhar horizontalmente.

Sou grata a todos os elos, já que o companheirismo é essencial em tudo e principalmente quando os sentimentos que estão nessas relações ultrapassam as esferas físicas. Por isso, agradeço aos meus, minha família que sabe o valor da natureza, do respeito e das coisas que não têm preço. Amo-os de forma genuína e sou grata pelo incentivo a dar todos os passos de minha caminhada. Aos meus amigos, que considero como irmãos, por serem e somente serem como são pensando em causas maiores. Aos meus professores amigos, que estão comigo para além dos muros da sala de aula. As famílias agricultoras familiares agroecológicas que se tornaram minhas amigas e que me ensinam e lutam por tantas outras pessoas além delas.

Agradeço também aos povos das florestas, pelos quais mantenho uma enorme admiração e respeito. Por fim, sou grata a Mãe de todos e todas, Mãe Natureza, Mãe Terra, Pachamama, que em sua enorme magnitude e força possibilita a existência da maravilha que é a vida, apesar das incontáveis crueldades infringidas pelos habitantes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	9
3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	17
3.1 Estágio curricular obrigatório I	17
3.1.1 Diagnóstico da escola	18
3.1.1.1 Caracterização geral da organização	18
3.1.1.2 Projeto de unidade educativa	21
3.1.2 Laboratório de ensino em nível profissional superior (EC I)	23
3.2 Estágio curricular obrigatório II	33
3.2.1 Laboratório de ensino em nível técnico profissional (EC II)	33
3.2.2 Observações de aulas	37
3.2.2.1 Itinerário Pedagógico	37
3.2.2.2 Considerações sobre o itinerário pedagógico	38
3.2.2.3 O fazer docente	39
3.3 Estágio curricular obrigatório III	41
3.3.1 Observação de aula (s) e problema (s) evidenciado(s)	41
3.3.2 Entrevistas com os estudantes da escola	42
3.3.3 Regências de aulas	44
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
5. CRÍTICAS E SUGESTÕES.....	50
6. REFERÊNCIAS.....	51
7. ANEXOS.....	54
8. APÊNDICES.....	67

1. INTRODUÇÃO

O Estágio Curricular Obrigatório (ECO) do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas (LA) da UFRPE visa como objetivo a descrição e caracterização da unidade educativa em seus aspectos organizacionais, infraestrutura física, equipes, estrutura de gestão, análise do projeto político pedagógico da unidade educativa. Para além disso, incentiva o desenvolvimento de competências técnica, política e humana de modo a viabilizar uma formação de profissional da educação que esteja comprometido com a sua formação crítica, bem como a dos discentes. Para tanto, essa docência promovida durante a formação acadêmica do estudante da Licenciatura deve ser voltada à realidade educacional e socioambiental da comunidade local.

O Estágio Curricular Obrigatório apresenta carga horária total de 405 horas, composta por três disciplinas: Estágio Curricular I (90h), Estágio Curricular II (105h) e Estágio Curricular III (210h). As atividades são desenvolvidas tendo por base, predominantemente, a educação formal, com ações de diagnóstico da realidade escolar, observações de aulas, planejamentos de aulas, laboratórios de ensino, pesquisas na escola, relatórios parciais e, após vários exercícios e reflexões sobre a prática pedagógica, culminamos com identificação e discussão sobre problemas identificados em sala de aula, demandas dos estudantes da escola, regências de aulas e relatório final.

As atividades foram desenvolvidas de comum acordo com as entidades colaboradoras, neste caso o Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI), a UFRPE e os estagiários, sob a supervisão do(a) professor(a) Michel Saturnino Barboza.

No que se refere às atividades do ECO I, dentro das 90h, parte ocorreu em sala de aula com a professora orientadora e a outra parte foi em campo, na unidade educativa escolhida. Ao final das observações e atividades realizadas no período, tanto na unidade educativa como na universidade, faz-se necessário a elaboração de um relatório das atividades desenvolvidas.

Já no ECO II, dentro das 105h, observou-se as aulas de um professor da instituição, no caso deste relatório, na disciplina de Culturas Regionais I, com o intuito de sistematizar e refletir acerca do fazer docente. Além disso, durante as aulas ensaiamos diversas metodologias que possam resgatar os conhecimentos prévios dos estudantes para a sala de aula como o princípio do debate sobre novos conteúdos e tornar a aula mais dinâmica e lúdica de forma a captar as atenções dos estudantes.

Nos ECO III, as potencialidades que foram estudadas nos demais períodos da Licenciatura em Ciências Agrícolas são postas em prática. Nesse sentido, as 210h do estágio nos possibilitaram experienciar na vivência em uma unidade de educação formal, o CODAI, uma possibilidade de como exercer a docência a partir do que o Colégio tinha disponível. Portanto, fizemos nosso planejamento, assistimos aulas, entrevistamos estudantes, fizemos anotações, criamos nossos planos de aulas e, por fim, realizamos as nossas regências. As etapas de observação das aulas de um professor e da regência ocorreram na disciplina de Topografia.

Dessa forma, esse relatório é composto por diversas atividades realizadas entre o quarto e sexto período, durante os quais estivemos envolvidos em diversas atividades e dinâmicas. Isso porque, essas experimentações são essenciais para a formação de uma educadora, estando estas mais detalhadas nas demais páginas deste relatório.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A educação é um processo complexo e contínuo e, por isso, ela deve estar presente em todas as dimensões da vida em suas diferentes formas, tanto formal, quanto não formal e informal. Isso porque, de acordo com Cascais e Terán (2014), a educação geralmente prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida. Portanto, está envolvida como elemento aglutinador e essencial em várias dimensões, sejam elas econômicas, sociais, culturais, científicas etc.

Resgatando a história da formação de professores(as) no Brasil, de acordo com Gatti (2010), lembramos que a formação de docentes para o ensino das “primeiras letras” em cursos específicos foi somente proposta no final do século XIX com a criação das Escolas Normais. Entretanto, vemos que o debate ainda é muito atual, visto que a formação dos educadores de nível superior só foi postulada a partir da Lei n. 9.394 de 1996.

Desse feito, a educação e os educadores(as), sendo esses não somente os professores, devem diversificar suas metodologias, para que. Dessa forma, possam incentivar diferentes formas de instigar o conhecimento nos diversos âmbitos. Para tanto, faz-se necessário despolarizar alguns conceitos e isso deve ser reconhecido como uma ação primordial, como relata Kuenzer (2003, p.24):

O trabalho teórico, que por sua vez não prescinde da prática, é que determinará a diferença entre prática enquanto repetição reiterada de ações que deixam tudo como está e práxis enquanto processo resultante do contínuo movimento entre teoria e prática, entre pensamento e ação, entre velho e novo, entre sujeito e objeto, entre razão e emoção, entre homem e humanidade, que produz conhecimento, e por isto revoluciona o que está dado, transformando a realidade.

Isso é necessário para que os sujeitos não reproduzam, nem repitam ações e pensamentos sem ao mínimo gerar uma reflexão crítica acerca das imposições da sociedade globalizada e do sistema vigente. Nesse incentivo ao questionamento às técnicas e princípios, a conexão entre sujeito e sociedade, teoria e prática, academia e vivência.

A formação do professor(a) apresenta-se como fator importante dentro do processo educativo relativo aos diferentes públicos e situações no âmbito da educação formal, já que o conhecimento estudado academicamente pode possibilitar essa compreensão da realidade. Entretanto, isso deve acontecer a partir do estudo aprofundado de situações e casos que

permitam o diálogo acerca da complexidade do cotidiano dos sujeitos. E isso deve ser feito cautelosamente porque a realidade é pautada de complexidade, a qual é caracterizada, de acordo com Morin(2005), como ponto de partida para a possibilidade de uma evolução metodológica dos princípios deterministas cunhados pelo pensamento dominante. A partir disso, deve-se entender os paradigmas já existentes na sociedade e assim, de acordo com do Santos (2012), como ele se relaciona aos princípios da autonomia, da independência e do indeterminismo do sujeito perante a sociedade.

O percurso da educação ainda tem muitas brechas e, aos poucos, vai sendo readequada e repensada em suas múltiplas facetas. Corroborando com isso, Morin (2001) diz que apesar de todos os pesares, a educação tem assumido uma relação de modificação das velhas práticas docentes, onde o Professor(a) era apenas o transmissor de conteúdo, hoje ele passou a ser também um formador civil para seus educandos(as). Ou seja, o professor(a) adquire um papel de transformador social. Isso é possível quando entende-se que a dimensão social é fator determinante no processo educativo, já que, Freire (1987), é uma exigência existencial o encontro em que se solidariza o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado.

Nesse processo, ao invés de transmissão de conteúdos, deve-se ter em mente que o importante é construir o conhecimento coletivamente. Para tanto, compreende-se a necessidade que os educadores(as) tenham formações pungentes no que se refere a lógica de uma construção do conhecimento. No que se refere a isso, de acordo com Dubeux et al (2012, p 50), essa construção deve ser pautada na sistematização de experiências feita por educadoras(es) problematizadoras(es) capazes de apoiar os grupos, entidades e empreendimentos em seus processos de reflexão sobre a prática.

No entanto, isso de fato só acontece se o profissional for direcionado em sua formação a partir de vivências de caráter observador, mas também participante, já que, como traz Machado (1986), a formação que o professor(a) recebe direciona, não apenas a sua prática concreta, mas também informa a leitura que ele faz dessa prática.

Portanto, a formação de um educador(a) é, de fato, mais completa quando a construção do conhecimento é priorizada. Por conseguinte, significa que os significados também devem ser entendidos e trabalhados e, nesse momento, relacioná-los com a realidade dos estudantes. Para isso, necessita-se ir além da superficialidade. Nesse sentido, de acordo com Gomes (2015), a formação de professores deve incentivar que o futuro professor/a possa

vivenciar situações que possibilitem ter autonomia para construírem conhecimento advindo do senso comum e conhecimento científico em busca de novas descobertas significativas.

Devido a essa necessidade de proximidade da realidade acadêmica e a realidade da prática cotidiana, Freire (1987), em seus escritos, traz alguns pontos importantes na educação, relativos a todos esses aspectos anteriormente descritos por diversos autores: diálogo, relação teoria-prática, construção do conhecimento etc.

Nesse sentido, durante essa formação, é importante que as experimentações e vivências sejam realizadas pelos futuros educandos(as). E, para além disso, deve ter uma ação coerente com o meio em que vive.

Dessa forma, existem alguns direcionamentos que o olhar pode ter durante a formação. De um lado, modelos se fundamentam na racionalidade técnica e, de outro, aqueles que se filiam às racionalidades prática e crítica (DINIZ-PEREIRA, 2011). Nessa perspectiva, os mesmos conteúdos podem ter abordagens diferentes por conta das metodologias e princípios elencados como prioridade no processo de ensino-aprendizagem. É a partir disso que se vê a universidade como tendo papel fundamental na escolha do direcionamento que a formação dos professores(as) vai se dar. Tendo isso em mente, para Saviani (2013, p 148-149) existem dois modelos de formação de professores(as), os quais estão caracterizados da seguinte forma:

a) modelo dos conteúdos culturais - cognitivos: para este modelo, a formação do professor se esgota na cultura geral e no domínio específico dos conteúdos da área de conhecimento correspondente à disciplina que irá lecionar.

b) modelo pedagógico - didático: contrapondo-se ao anterior, este modelo considera que a formação do professor propriamente dita só se completa com o efetivo preparo pedagógico didático.

Ou seja, algumas formações que seguem somente o modelo dos conteúdos culturais-cognitivo não conseguem ultrapassar a disciplina a ser estudada. Diferente disso, outras formações, as que seguem o modelo pedagógico-didático, entendem que essa formação deve ter um estudo aprofundado do que é ensinar para além de se estudar os conteúdos específicos de cada disciplina. Dessa forma, se a formação não preparar os educadores(as) com uma carga pedagógica e didática, não estará, em sentido próprio, formando professores.

Deve ser claro que essa preocupação não quer dizer reputar apenas ao professor(a) e à sua formação a responsabilidade sobre o desempenho atual das redes de ensino. Tendo em vista Gatti (2012, p. 1359), múltiplos fatores convergem para isso, são eles:

As políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, aspectos das culturas nacional, regionais e locais, hábitos estruturados, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, formação dos gestores, as condições sociais e de escolarização de pais e mães de alunos das camadas populacionais menos favorecidas (os “sem voz”) e, também, a condição do professorado: sua formação inicial e continuada, os planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas.

Esses diversos motivos são determinantes tanto na formação quanto no exercício da prática docente, fatores os quais delimitam as ações dos futuros educadores desde a academia. Entretanto, é necessário que, dentro das condições em que a educação se encontra, a formação de professores seja debatida e repensada. Assim, podemos enxergar a importância de uma formação continuada, visto que os conhecimentos são construídos com o decorrer do tempo, bem como vão se remodelando e, por isso, geralmente se analisa a formação continuada diretamente ligada ao papel do professor(a), mas também estende-se para as suas práticas pedagógicas e aos atores que isso implica. Imbernón (2010) ainda ressalta a formação continuada como fomento de desenvolvimento pessoal, profissional e institucional dos professores(as), elevando seu trabalho para transformação da prática.

A formação do profissional está completamente conectada a prática, por isso que falar de prática docente em sala de aula é falar de um saber-fazer do professor repleto de nuances e de seus significados. Essa prática deve estar associada a uma formação do educador, sendo que essa deve ser continuada. Isso significa falar que os professores possuem saberes profissionais pautados na pluralidade, particularidades essas que são observadas na prática de cada docente. Com esse olhar, Tardif (2000) traz que, no plano da formação e do exercício profissional, o que caracteriza o professor não é exclusivamente o domínio de uma disciplina, mas o de uma união de conhecimentos, que chamamos de saber docente. Esse conjunto inclui um alicerce não só de saberes teóricos, mas também de práticas relativas ao ofício de ensinar.

Nessa perspectiva, Cunha (2006, p. 15) apresenta sua interpretação do que é o exercício da docência, sendo que esse “nunca é estático e permanente; é sempre processo, é mudança, é movimento, é arte; são novas caras, novas experiências, novo contexto, novo tempo, novo lugar, novas informações, novos sentimentos, novas interações”. Nessa direção,

o ofício do professor implica um saber fazer particular de cada profissional que assegure a aprendizagem da disciplina e que, inevitavelmente, constroi uma concepção de mundo.

Outro papel do sujeito professor destacado por Giroux (1997, p.163) é importante, o intelectual transformador, o qual está ligado ao trabalho “pedagógico mais político e político mais pedagógico”. Essa tônica revela a necessidade de se favorecer a reflexão crítica sobre diversas dimensões para além da sala de aula. Isso, portanto, proporciona que o professor tenha um papel diferenciado na realidade dos estudantes, visto que esses sujeitos aprendem que a realidade é ponto de partida para interpretação e apreensão de conteúdos.

De acordo com Michels (2006), o docente deve estar apto a trabalhar com a comunidade escolar como um todo, onde as problemáticas se revelam e, assim sendo, deve-se encontrar soluções criativas que possam contemplar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Para isso ser possível, o autor fala que o professor deve ser um sujeito articulador e mobilizador frente a problemática de forma a proporcionar a construção de conhecimentos, habilidades e valores através da convivência em sociedade de maneira comprometida e transformadora.

Assim sendo, a missão docente implica também na valorização da cultura, bem como na divulgação da mesma, já que esse ator têm instrumentos que podem estimular o pensar e o agir no coletivo, em comunidade. Entretanto, também podem agir de forma contrária se a sociedade não for o ponto de partida, o que pode resultar em uma ameaça ao envolvimento local. Justaposto a isso, Saviani (2003, p.13) evidencia que o fundamento do trabalho educativo configura-se no “ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens”.

Através da sua concepção de uma pedagogia histórico-crítica, Saviani (1995) salienta que a formação docente deve ter como base uma fundamentação teórica, enrijecida de conteúdo, a qual está intrinsecamente associada a uma reflexão filosófica e ao conhecimento científico. Por conseguinte, a efetividade da compreensão do ser humano como síntese de uma multiplicidade, bem como da aproximação do trabalho educativo e da prática social, está plenamente atrelada a essa fundamentação do autor.

A realidade social é fator tão importante que, de acordo com Freire (1979), a sensibilização deve ocorrer de maneira que a autonomia do sujeito seja garantida. E é a partir dessa emancipação, que a libertação do sujeito se torna a finalidade e o processo. Assim sendo, ensinar deve enfatizar que:

[...] a realidade não pode ser modificada, senão quando o homem descobre que é modificável e que ele pode fazê-lo. É preciso, portanto, fazer desta conscientização o primeiro objetivo de toda a educação: antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação. (p. 40)

Dessa forma, o conhecimento é construído com a intenção de promover a reflexão, trabalho esse que não se faz rapidamente através de um modelo. Para Bacons (2011), a docência não gera produtos imediatos e materiais. Trata-se de um trabalho que demanda afetividade atrelada ao investimento energético do professor que por sua vez, ao exercer sua função, causa de pequenas transformações sociais a grandes, deixando marcas no aluno e modificando a si mesmo.

O lugar do professor é assunto debatido em diversos lugares e por diferentes profissionais, é por isso que da Cruz (2007) alerta sobre a significância desse ator, como se segue:

O professor, que mais parece um cata-vento que gira à mercê da última vontade política e da última demanda tecnológica, precisa ser visto como sujeito central em qualquer processo de reformulação curricular. Isto porque a atuação do professor implica na articulação de uma gama de saberes construídos no cotidiano do seu exercício profissional, a partir dos quais ele interpreta, compreende e orienta qualquer investida curricular no contexto de sua sala de aula; (p. 204)

Nesse mesmo segmento, para Marinho-Araújo e Almeida (2008), a profissão docente caracteriza a dualidade e junção entre o saber e o afeto, onde as pessoas envolvidas no ato de ensinar vivenciam relações interpessoais complexas. Nesse sentido, essas relações se preenchem de complexidade pelo fato de cada estudante carregar consigo uma realidade própria, a qual não deve ser negada, mas sim entendida.

A construção de mundo, baseada nos conhecimentos prévios de cada pessoa, deve ser feita de forma a contemplar diversas dimensões na vida de um estudante, portanto, parte de uma complexidade e deve permanecer sendo trabalhada em sala de aula pelo professor também de forma complexa. Segundo Morin (1991, p.85), a perspectiva complexa se dá

porque “temos conhecimentos simples que não ajudam a conhecer as propriedades do conjunto”, ou seja, “um todo é mais do que a soma das partes que o constitui”. Ainda segundo o autor, as relações das partes com o todo são dinâmicas, portanto, “o todo é, ao mesmo tempo, menor e maior que a soma das partes”. É a partir disso que a teoria da complexidade e transdisciplinaridade se constitui, essa, segundo Santos (2008), propõe a religação dos saberes compartimentados, oferece uma perspectiva de superação do processo de fragmentação do conhecimento, no caso, contrapõe-se a atomização.

É por influenciar na construção do conhecimento que, segundo Bolfer (2008), que pode-se dizer que a aula exige procedimentos que vão além da técnica e de uma manual de instruções, assim, o professor tem papel de bússola que ajuda como guia na trajetória do aprender. Ainda de acordo com esse autor, “exige-se a articulação de conhecimentos específicos da matéria a ser ensinada, de conhecimentos pessoais, de conhecimentos didáticos”. Ness ação docente, a qual vai além da técnica, constroi-se uma epistemologia a partir das reflexões coletivas.

A formação continuada acaba se tornando um fator extremamente importante nesse processo também, isso porque além de possibilitar a reflexão do professor sobre a educação e sua práxis, também permite o contato com outros profissionais da educação e, por conseguinte, outras experiências que proporcionam a manifestação de um novo olhar. Por outro lado, é preciso destacar que está previsto no texto da LDB de 1996 (Art. 67) no que se refere ao ensino aos professores, dentre outros: aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim e período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho (BRASIL, 1996).

Considerando esse fato, Freire (1996) fala sobre os sistemas de ensino, para ele, esses devem fornecer o apoio necessário para a qualificação do professor. Já que o papel de incentivar a curiosidade do ser humano, o professor precisa estar entendido da situação para que permita-se o questionamento, o conhecer, o atuar, o reconhecer o conteúdo e o mundo. Essa garantia é primordial a qualquer debate sobre técnica, metodologia ou métodos. Tendo em vista o que já foi debatido anteriormente, isso se mostra pelo fato de que o professor precisa sempre se reinventar para que as mudanças que comumente ocorrem no cotidiano sejam acompanhadas pelo próprio docente e também pelos estudantes.

Às vistas de tudo o que foi debatido nesta revisão de literatura, nota-se a importância do posicionamento e da politicidade da educação e os seus alcances. A formação de

professores(as) é realmente um tema importante para se repensar a educação e a forma como ela é vista e praticada. Isso porque a educação ultrapassa os muros institucionais, bem como o ato de educar também vai além das salas de aulas e das disciplinas por si só. Assim sendo, o educador(a) tem que ter em mente esse papel de sujeito transformador para que sua prática seja condizente tanto com os princípios da escola bem como com os da comunidade onde essa escola se insere e, para isso, deve se embasar de uma carga pedagógica prática.

3. ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

3.1 Estágio curricular obrigatório I

Nesse estágio, construímos um roteiro de observação, o qual embasou as nossas visitas feitas ao Colégio. a construção desse relatório, elaboramos um roteiro de observação. Por isso, este texto contém três capítulos, sendo eles: Formação de educadores; diagnóstico escolar; e laboratórios de ensino. O capítulo de *Formação de Educadores* tem por objetivo destacar os pensamentos e bases teóricas que auxiliam a formação das pessoas educadoras na busca por um ensino-aprendizado dialógico e contínuo, posteriormente a revisão literária. O relato do *Diagnóstico Escolar* no segundo capítulo, onde objetiva-se descrever o que foi conhecido na realidade e na observação crítica da prática escolar. Para tanto, ainda neste capítulo, deve-se elencar os problemas da instituição, as possíveis sugestões de melhoria, os aspectos positivos e demais características estruturais que possibilitam uma plena formação aos estudantes, bem como o funcionamento de toda a escola que está sendo observada. Por fim, no terceiro capítulo, *Laboratórios de Ensino*, são relatados as experiências da prática de ensino de todos os discentes da disciplina de ECO I, os quais estão em processo de início a docência. Esse laboratório deve ser planejado com um plano de aula com conteúdo previamente selecionado e referenciado. Para isso, a escrita dos laboratórios de todos os estudantes considera durante a avaliação uma prática docente completa que abarque características, como: didática, dinâmicas, objetividade, utilidade, relação de proximidade da educadora com a educanda e demais características descritas no próprio capítulo.

Para esse diagnóstico, foram realizadas visitas de campo nas instalações do CODAI, na sede de São Lourenço e na unidade de Tiúma. Nesse processo, fizemos entrevistas e anotações em conversas realizadas nos dias 24 e 31 de outubro com alunos, professores, funcionários e gestor da instituição e conversa informal com uma ex-estudante do CODAI. Além dessas ferramentas, realizou-se pesquisas no site do Colégio, análise do Projeto Político Pedagógico do CODAI e leituras para a construção do capítulo de Formação de Educadores.

No diagnóstico apresentado neste relatório intencionou-se: identificar as condições objetivas e subjetivas nas quais acontece o processo de ensino-aprendizagem nos campos formais; Identificar aspectos relevantes que caracterizam a cultura da organização/projeto no qual estão inseridos; Identificar aspectos relevantes da prática pedagógica e do

acompanhamento nos processos de educação formal; Descrever e caracterizar a unidade educativa em seus aspectos organizacionais, infraestrutura física, equipes, estrutura de gestão; Analisar o projeto político pedagógico da unidade educativa, observando o modo de funcionamento da unidade educativa.

De acordo com Carvalho (1985) objetivo do estágio é propiciar ao estudante uma aproximação com o cotidiano no qual irá atuar. Ao participar das atividades de uma escola, o estagiário deve ter consciência de que a finalidade é sua formação como professor. E, para isso, a observação é ponto de partida eficiente e fundamental para toda atividade criativa, e é também um ponto de retorno.

Para além disso, deve-se ter em mente que a criatividade deve ser estimulada desde a formação teórica até apresentação. Por isso, ainda no terceiro e último capítulo, cada estudante deve experimentar e aprender situações diferentes de ensinar, elaborar, executar e avaliar ao exercer o papel de professora.

3.1.1 Diagnóstico da escola

Aa atividades desenvolvidas neste capítulo referem-se ao diagnóstico realizado em uma unidade educativa, o Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, onde observou-se a partir de um roteiro desde a origem da unidade educativa, quantitativos de salas, de estudantes, professores e turmas até o Projeto Político Pedagógico. Dessa maneira, este capítulo divide-se em duas partes que estão descritas nos tópicos a seguir, sendo elas: caracterização geral da organização e projeto de unidade educativa.

3.1.1.1 Caracterização Geral da Organização

A origem do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI) se dá a partir do Aprendizado Agrícola de Pacas, criado em 1936 em Vitória de Santo Antão, que na época era vinculado à Secretaria Estadual de Agricultura. Após dois anos foi transferido para o Engenho de São Bento, onde funcionava a Escola de Agronomia de Pernambuco, onde em 1958 vinculou-se à Universidade Federal Rural de Pernambuco.

Em 1971, o Engenho São Bento foi inundado pelas águas da represa da Barragem de Tapacurá. Como única alternativa, a instituição foi transferida para o centro de São

Lourenço da Mata, local onde funciona até a presente data. Em setembro de 2000, o Colégio recebeu do Grupo Votorantim a doação de área com 34,7 ha, na localidade de Tiúma, em São Lourenço da Mata, voltando seu planejamento para expansão das atividades de ensino na nova área (CODAI, 2018).

O CODAI é voltado para educação profissional e de nível médio funcionando, os quais são ofertados durante a manhã e a tarde. Oferece cursos regulares de Ensino Médio, de Ensino Técnico e de Ensino Integrado, além de oferecer Ensino a Distância (EAD). O quantitativo de alunos é de 842 alunos. A seleção é realizada através de notas com provas elaboradas por comissão de ensino. Os estudantes do CODAI são de municípios do entorno, como: São Lourenço da Mata, Paudalho, Camaragibe, Carpina, Recife, Jaboatão dos Guararapes, Olinda.

O corpo docente é formado por 66 professores de variadas formações, psicologia ciências agrárias, licenciaturas, administração etc, que trabalham nos dois campus. A maior parte dos docentes possui doutorado, já que isso é um pré requisito para admissão de novos professores. Esse fato possibilita que os professores tenham uma formação mais específica e beneficia os estudantes que querem se especializar em determinadas áreas.

Ao perguntarmos a alguns estudantes sobre como é estudar no CODAI, eles falaram que o ensino é bom e tem uma boa mobilização estudantil, entretanto, a estrutura do local não é suficiente para a necessidade dos cursos. Uma estudante já formada no curso de agropecuária relatou que aprendeu bastante coisa, mas não pode fazer muitas práticas justamente pela falta de laboratórios e campo onde os alunos pudessem aplicar as teorias trabalhadas em sala de aula.

Os estudantes também contam com um Estágio Supervisionado Obrigatório remunerado pelo Instituto Euvaldo Lodi - Pernambuco (IEL-PE) ou pelo Centro de Integração Empresa Escola de Pernambuco (CIEE-PE) , 195 estudantes beneficiados com bolsa PAD de mobilidade e outros 75 beneficiados com a de alimentação. Isso é importante numa escola em que em torno de 80% dos estudantes tem renda familiar per capita menor do que 1,5 salário mínimo mensal. Contudo, a evasão do CODAI ainda é alta.

O prédio do CODAI no centro de São Lourenço apresenta a seguinte estrutura física: 12 salas de aula, 1 biblioteca, 1 sala de reunião/aula, coordenação de estágio, coordenação

pedagógica, 1 sala administrativa, sala da direção, sala do Núcleo de Apoio ao Estudante – NAE, laboratório de informática, laboratório de microbiologia laboratório de Mecanização, 1 auditório, sala do PRONATEC, almoxarifado, 1 quadra poliesportiva desativada, área de horta também desativada, 2 banheiros para professores e funcionários, 2 banheiros dos alunos sem vestiário e a instituição não possui refeitório.

O campus de São Lourenço da Mata está com a estrutura um tanto quando debilitada, por não ter tido reforma há algum tempo, o que dificulta o trânsito de pessoas deficiente ou com algum problema de mobilidade. Isso porque, apesar de ter algumas poucas rampas, elas estão com defeitos estruturais. Muitas salas estão bem deprecadas e sem uso, bem como o espaço que deveria ser usado como cantina.

Para realização das aulas práticas o colégio utiliza transportes próprios para levar os estudantes para estruturas onde realizam visitas técnicas, como: Estações Experimentais de Cana-de-açúcar e de Pequenos animais de Carpina, Campus sede de Dois Irmãos, Bases Experimentais do IPA e a área do Campus de Tiúma.

O campus Senador José Ermírio de Moraes – localizado em Tiúma, conta com 34,70 ha. Sua estrutura física apresenta um bloco administrativo com 13 salas de aula, 1 coordenação, 1 sala de professores, 1 copa, 12 banheiros sem chuveiros sendo 3 pavimentos com 4 banheiros por andar (2 masculinos e 2 femininos), 3 Laboratórios de agroindústria, 1 câmara frigorífica, casa de vegetação, 1 gerador, 1 granja desativada, alguns animais. Há ainda, em um ambiente separado, salas para o curso de EAD. No campus ainda apresenta um açude e casa de bomba; reservatório de água, aviário que no momento encontra-se inativo, aprisco; unidade de apoio que também funciona como depósito; unidade produtiva de agricultura (horta, banana, maracujá, outras) e 1 guarita desativada.

Os recursos financeiros do colégio são provenientes do orçamento da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), uma vez que o CODAI é um órgão suplementar da universidade. Sendo a gestão desses recursos de responsabilidade do conselho técnico administrativo.

Além disso, de acordo com André Bezerra da Silva, Diretor do Departamento Administrativo do CODAI, as reuniões têm vagas reservadas para a participação do corpo estudantil. Além disso, os pais também são convidados para algumas reuniões. O diretor

também falou que o CODAI consegue manter pouca proximidade com a comunidade em projetos realizados pelos estudantes.

As aulas práticas são realizadas no próprio terreno do CODAI Tiúma, o Campus Senador José Ermírio de Moraes, além de utilizar a estrutura das Estações Experimentais de Cana-de-açúcar e de Pequenos animais de Carpina e do Campus sede de Dois Irmãos e das Bases Experimentais do IPA.

3.1.1.2 Projeto de unidade educativa

O projeto político pedagógico (PPP) do CODAI - versão 2004 é estruturado da seguinte forma: introdução; caracterização da instituição; estrutura administrativa (da administração, do pessoal docente e do pessoal técnico-administrativo); estrutura pedagógica (tempo escolar, cursos e organização didática); justificativa do projeto político pedagógico; objetivos (geral e específico); metas; processo de decisão; avaliação do projeto político pedagógico; corpo docente; corpo técnico-administrativo; e corpo discente.

Esse PPP busca ser reflexo das concepções e práticas educacionais extraídas do cotidiano, bem como dos encontros pedagógicos e segmentos da comunidade envolvida, para, acima de tudo, isso ecoe na concepção de homem e de sociedade. Esse PPP se baseia na formação de profissionais considerando-se a realidade local a partir da construção de uma escola pública de qualidade, com identidade, autonomia e diversidade tanto de pessoas, como de concepções políticas e ideológicas (CODAI, 2004).

O desafio desse PPP de 2004 é se contrapor a lógica do sistema vigente na sociedade, que não tem como objetivo o desenvolvimento local, mas sim competitiva, desigual e centralizadora de conhecimentos, em sua maioria científicos. E, por ser um colégio agrícola gerenciado por uma instituição federal a qual tende a ser financiada para seguir determinados índices, muitas vezes, é difícil distanciar-se dos valores que a própria universidade segue. Sendo essas dificuldades de desvencilhamento vistas no cotidiano da escola e nos discursos dos estudantes formados ou ainda pertencentes, bem como nos discursos dos(as) professores(as). Essas pessoas relataram sobre um colégio que, na prática, aproxima-se a uma

escola tradicional, com disciplinas e provas vistas a partir do olhar convencional e estático, o que se contrapõe com o próprio objetivo geral do CODAI, que diz:

Com objetivo de construir uma escola cidadã e dinâmica, com princípios de sustentabilidade, oportunizando mudanças até mesmo que radicais, criando condições no sentido de qualificar profissionais com eco percepções nas suas habilidades e competências, para além das necessidades do mercado contemporaneamente real, com ênfase sócio-econômica-produtiva (CODAI, 2004, p. 12).

Além disso, a instituição escreve que a didática tem que partir de uma educação autônoma e dialógica, a qual tem que ser participativa. Entretanto, apesar de se ter representantes de sala, de se ter um grêmio estudantil, a instituição ainda está distanciada do corpo discente e das famílias. Isso pode ser visto pela participação dos estudantes nos espaços de decisão, bem como pelas participações dos pais e técnicos, as quais a gestão do CODAI tem vontade de aproximar. Isso ocorre talvez pelo distanciamento existente entre a escola e as demais pessoas.

Os processos decisivos da escola, de acordo com o PPP do CODAI - versão 2004, se dão a partir de: comissão de ensino, comissão de pesquisa, comissão de extensão, comissão de seleção, comissão de contatos empresariais, comissão de apoio ao educando, comissão editorial, comissão de planejamento das novas instalações de Tiúma, comissão de progressão vertical, comissão de progressão horizontal, conselho de classe, conselho de representante de classe, conselho técnico administrativo e colegiado político-pedagógico.

Na construção desse PPP, de acordo com a lista de presença contida no PPP - versão 2004, estavam presentes professores(as), em sua grande maioria, alguns técnicos administrativos e estudantes. Nele, não houve a participação de demais constituintes da comunidade nem familiar.

Deve-se levar em conta que o PPP foi construído em 2004, portanto já são 14 anos tentando implantá-lo para se ter essa educação mais dialógica. Isso demonstra a necessidade de se revisitar essa base propulsora para a prática de uma educação escolar mais democrática, que seja voltada para o cotidiano da comunidade em que está inserida. Sendo assim, pode ser

possível o embasamento teórico para repensar em metodologias de ação com o intuito que a prática ocorra de acordo com os princípios desenhados.

Essa etapa de diagnóstico no ECO I possibilitou o reconhecimento do CODAI, de forma a direcionar o olhar para dois lugares essenciais durante o processo educativo. Um lugar se refere diretamente ao espaço físico, ou seja, a locação da instituição, bem como também se detém às questões quantitativas da unidade. O outro lugar reconhecido, o PPP, está relacionado às características diretivas, ou seja, descreve as concepções, princípios e objetivos em que a instituição caminhará, bem como os cargos que serão responsáveis por guiar e por administrar essas responsabilidades.

A partir dessas informações coletadas *in loco*, foi possível entender como essas questões podem ser determinantes na qualidade do ensino em uma instituição como o CODAI, pertencente a uma Universidade Federal. Além disso, possibilita o entendimento da dinâmica em uma escola, já que as relações se dão a partir de cargos e de uma hierarquia, onde as decisões são tomadas e implementadas. Também foi possível observar sem ser sujeito atuante na escola. Dessa forma, pode pensar em possíveis alternativas para que tanto a estrutura quanto o PPP se tornassem mais próximos à realidade. Nesse percurso também não deve-se negar a importância de se conhecer e mapear a área onde os estudos serão feitos para que haja coerência no percurso e direcionamento do olhar.

3.1.2 Laboratório de ensino em nível profissional superior (EC I)

O laboratório de ensino é uma atividade em que todos os estudantes irão experimentar o ato de ensinar. Para isso, cada estudante deve se pôr como professor e deve produzir seu plano de aula para que posteriormente apresente-o em sua aula. O objetivo desta fase foi possibilitar o exercício, a reflexão, a discussão e o aprofundamento sobre questões referentes à prática pedagógica, em nível superior, sob a forma de laboratório.

Para a avaliação de cada laboratório de ensino dos colegas de turma elencamos coletivamente pontos importantes a se observar em todas os laboratórios, sendo eles: conhecimentos prévios; motivação (dinâmicas realizadas); sequência lógica (objetividade); contextualização (senso crítico); domínio do conteúdo; utilidade (aplicabilidade); relação do professor com o aluno; controle do tempo (40 minutos de aula); domínio da sala; linguagem;

avaliação; fechamento da aula; interdisciplinaridade. No plano de aula, deve constar: data, hora, tema e assunto, objetivo, conteúdo, procedimentos e recursos didáticos, avaliação. Também decidimos que os laboratórios de ensino deveriam ser realizados sem o uso de data show e no barracão (fora da sala de aula). Além disso, acordamos que os laboratórios fossem de apresentação oral, com temas livres e organizados pelos discentes. A seguir serão descritos os principais pontos didático-pedagógicos observados e apontados como relevantes nas aulas assistidas dos colegas, durante o EC I.

a - Plano de trabalho contido no ANEXO A

Tema da aula: Manejo de recém nascidos de grandes animais (equinos, bovinos, caprinos, ovinos)

Data: 19 de nov de 2018

Professora: Clara Almeida

Não participei do laboratório de ensino de Clara, entretanto, ainda participei do momento de avaliação da apresentação, onde pude ler o plano de aula e escutar os demais estudantes apontarem questionamentos acerca da apresentação, sendo esses os descritos no próximo parágrafo.

Nesse laboratório, a estudante se propôs a comentar sobre os seguintes conteúdos: fornecimento de colostro; cura do umbigo; preparo de tintura. Segundo os colegas, Clara conseguiu debater sobre os temas que se propôs a compartilhar com a turma. Além disso, também frisaram que a professora iniciou a aula com questionamentos para saber o conhecimento prévio dos estudantes. A aula foi feita através de exposição de conteúdos, perguntas, que serviram como avaliação, tarjetas e uma prática de preparo da tintura de aroeira utilizada para a cicatrização dos umbigos dos recém nascidos. Nesse enredo, construído a partir de uma sequência lógica partindo do cuidados em geral e chegando ao cuidado específico do umbigo com a tintura de aroeira Clara procurou motivar os estudantes com perguntas, incentivar uma reflexão crítica sobre o uso de remédios naturais, motivar o interesse e apontar a utilidade sobre o cuidado animal. Para isso, ela tentou dar uma aula interdisciplinar com conteúdos da química, demonstrando domínio do conteúdo. A professora também conseguiu ter controle do tempo e da sala, apesar de ter poucas pessoas em sala durante sua apresentação. E, ao final, fez um fechamento da aula recapitulando o que foi dito

durante a ministração. Avaliando o plano de aula, percebo que a professora também poderia ter elegido como conteúdo o confinamento animal e alguns dos problemas que isso causa ao animal. Além disso, os objetivos da aula não foram elencados, bem como o tempo de aula e o curso.

b - Plano de aula contido no ANEXO B

Tema da aula: Produção de Mudas de Espécie Exótica Flamboyant mirim

Data: 19 de nov de 2018

Professora: Milena S. Lima

Milena se propôs a falar de um assunto que faz parte da pesquisa dela no IFPE, portanto ela demonstrou domínio de conteúdo. Ela procurou saber pouco sobre nossos conhecimentos prévios sobre o assunto. Então ela abordou os conceitos básicos da espécie Flamboyant mirim, uma planta exótica, além de falar um pouco sobre as plantas exóticas. Entretanto ela poderia ter feito uma abordagem mais crítica acerca da utilização de plantas exóticas ao invés de nativas. Depois ela explicou o que era a dormência e como superar isso através de alguns métodos. Embora ela tenha pensado em fazer uma prática completa com o preparo do solo, ela observou antes de começar a aula que não daria tempo de preparar durante a aula, então levou o solo pronto e explanou como deveríamos ter feito. Por fim, a professora pediu que pegássemos as sementes de Flamboyant e pediu que quebrássemos a dormência e plantássemos nos vasos. Nesse momento, pelo tempo de aula já estava extrapolando, a atividade foi um pouco acelerada.

Logo após a prática, houve a avaliação, em que tivemos que falar uma palavra que representasse a atividade. Entretanto, não tivemos como debater muito e, pelo tempo, a professora acabou optando por não fazer o fechamento da aula. Durante a aula, Milena utilizou palavras simples e tentou explicar os termos que não sabíamos, também tentou fazer o controle da sala, apesar de nós, estudantes, termos nos distraído um pouco na atividade com o plantio das sementes. A relação da professora com os estudantes tendeu a ser horizontal e dialogada, onde fizemos poucas perguntas a Milena e ela nos fez algumas também. O conteúdo escolhido foi útil, teve uma sequência lógica e motivação, já que ela levou algumas folhas, sementes e terra para plantarmos. Além disso, faltou a docente dialogar o conteúdo

com outras disciplinas. O plano de aula de Milena foi feito de forma pouco sintética, onde ela colocou muitas informações na metodologia e nos objetivos.

c - Plano de aula contido no ANEXO C

Tema da aula: Introdução ao Princípio Ativo de Plantas

Data: 26 de nov de 2018

Professora: Juliana Gonçalves

Juliana iniciou a aula procurando saber sobre nossos conhecimentos prévios sobre as plantas medicinais e os seus princípios ativos. Depois a professora iniciou a explanação sobre o assunto, o qual perpassou algumas matérias, da florestal, da medicina alternativa e da química. Por isso e pela utilização de um material didático que ficou exposto no espaço do barracão, a aula foi dinâmica. Ela também seguiu uma sequência lógica, onde iniciou falando de um assunto mais conhecido, que foi as plantas medicinais, e terminou explicando sobre os princípios ativos e suas importâncias. Nesse sentido, ela mostrou a aplicabilidade do assunto e, durante toda a atividade, domínio do conteúdo.

Juliana manteve uma aula com uma relação horizontal do professor com o aluno, onde ela procurou sempre nos consultar sobre o que sabíamos. Além disso, a professora também nos consultou em diversos momentos sobre o entendimento dos assuntos, já que a apresentação continhas diversos nomes atípicos. Ela procurou manter o domínio da sala, bem como do tempo, apesar de não ter conseguido fazer tudo o que planejou. Ao final da aula, a docente fez um rápido encerramento da aula e também não pode permanecer muito tempo na avaliação por conta do tempo ter extrapolado.

A escrita do plano de aula de Juliana ficou bem sucinta e bem explicada, embora contenha algumas informações que não necessitava, como o nome da disciplina de estágio 1, já que o plano de aula era para ser feito como se a aula fosse realmente dado por uma professora da disciplina que ela quisesse. Além disso, algumas coisas que estavam no plano de aula não foram abordadas, mas isso foi readaptado durante a apresentação.

d - Plano de aula contido no ANEXO D

Tema da aula: Manejo Ecológico do Ambiente (Controle Biológico)

Data: 26 de nov de 2018

Professora: Géssica Silva

Géssica começou a aula avisando que seria uma mediadora do processo e, nesse momento nos questionou sobre o que conhecíamos sobre o controle biológico, nesse momento ela já fez uma atividade onde colocamos nossos conhecimentos prévios, onde ela passou muito tempo da aula. Após isso, iniciou explanando o assunto e já fazendo outra atividade e, ao mesmo tempo, explicando algumas coisas do conteúdo do dia. Géssica conseguiu motivar a turma e também seguiu seguir uma sequência lógica. Além disso, o assunto que ela escolheu proporcionou um pouco de contextualização e senso crítico, pois poderia ter tido mais enfoque na apresentação. Apesar disso, a turma ainda elencou a importância desse controle biológico ao invés do controle com o uso de agrotóxicos, enfatizando a sua utilidade frente aos tratamentos convencionais do agronegócio. A docente demonstrou ter um conhecimento prévio sobre o assunto, já que sua pesquisa se relaciona a isso.

Géssica não controlou muito bem o tempo nem a turma inicialmente, por isso teve que falar sobre alguns temas superficialmente, pois foram muitas dinâmicas e tivemos pouco tempo para debater. O conteúdo dialogou pouco com outros conteúdos. Entretanto, a aula foi horizontal e proporcionou que a imagem da professora fosse, em certos momentos, confundida com a de uma estudante, bem como fez com que a linguagem da aula ficasse acessível. As avaliações foram realizadas durante a própria aula através das atividades em grupo. E, ao final, por não haver mais tempo hábil, Géssica não conseguiu fechar a aula.

O plano de aula da professora estava bem sucinto, porém alguns conteúdos ela não debateu em sala ou debateu superficialmente. Ademais, nas situações didáticas ela não colocou as joaninhas que levou para a sala para conhecermos.

e - Plano de aula contido no ANEXO E

Tema da aula: Princípios básicos dos Sistemas de Criação de Suínos

Data: 03 de dez de 2018

Professora: Maysa Queiroz Pinto

Maysa iniciou a aula sondando nosso conhecimento sobre suínos, perguntou sobre porcos, buscou saber se já tínhamos visto algum tipo de criação animal. Dessa forma, a docente procurou saber sobre nossos conhecimentos prévios, além de iniciar a motivação para o

decorrer da aula, a qual foi dinâmica com os materiais didáticos utilizados, sendo eles uma maquete, algumas fotos e tarjetas. Ela buscou uma sequência lógica que iniciou com os tipos de criação de suínos (intensiva, extensiva e semi-intensiva), depois sobre os tipos de suínos e por fim, o bem estar suíno (siscon e siscal). Ela contextualizou o tema, abordando de forma crítica as raças de suínos e a forma como o ambiente era modificado para garantir o bem estar do animal, mostrando que há espécies que sofrem bastante se fossem criadas em climas quentes, como é o Nordeste. Dessa maneira, para pequenos produtores, criar o ambiente perfeito para essas espécies torna a criação inviável. Maysa também demonstrou domínio do conteúdo e utilidade para a agricultura familiar.

Além disso, ela teve controle do tempo e da sala, se portando horizontalmente aos estudantes no processo de construção do conhecimento. O final da aula foi um pouco corrido, mas ela conseguiu que fizéssemos uma avaliação que abarcou o conteúdo debatido em aula. Nesse momento, a professora conseguiu contemplar também o fechamento da aula. Ademais, ela utilizou uma linguagem técnica, mas também uma linguagem acessível. Já no quesito de interdisciplinaridade, Maysa fez pouca conexão com demais conteúdos de outras disciplinas que poderiam se conectar a aula que ela deu.

No que se refere ao plano de aula, que estava bem sucinto e de acordo com o que ela debateu em aula, ficou faltando algumas informações, como o nome da professora, a data da aula e a disciplina a qual a aula se refere.

f - Plano de aula contido no ANEXO F

Tema da aula: Própolis e sua utilização.

Data: 03 de dez de 2018

Professora: Tuanny Araújo

Tuanny iniciou a aula consultando nossos conhecimentos prévios acerca da utilização de produto extraídos das abelhas. Depois disso ela começou a conceituar a própolis e falar sobre que há diferentes própolis com diferentes propriedades, onde encontrar, pra que serve, como é feita a extração e o beneficiamento. A todo momento da aula, sempre que a professora iniciava um novo assunto, ela questionava a turma sobre o que nós já conhecíamos sobre. Isso, o domínio do conteúdo da docente e a sequência lógica da aula fez com que os

estudantes se mantivessem motivados. Ela mostrou o porquê de esse assunto ser útil, como para o uso medicinal dos produtos das abelhas.

Foi uma aula extremamente dialógica entre professor e estudantes, além de a professora sempre procurar esclarecer os termos e técnicas utilizadas, o que promoveu uma linguagem de fácil entendimento para quem ainda desconhecia o assunto. Ao final, mostrou a turma numa prática como era o preparo de um extrato de própolis. Ademais, a avaliação foi feita durante a própria aula, onde ela fez diversas perguntas. Durante o processo, Tuanny teve controle da turma, sempre direcionando as questões ao próximo assunto, e também teve controle do tempo. Apesar disso, o final da aula foi corrido e não deu para fazer um fechamento completo do assunto. Ela também procurou nos informar sobre a utilidade desse assunto a partir de outros conteúdos vistos em outras disciplinas ou até mesmo nos outros laboratórios de ensino.

Ademais, o plano de aula da docente foi bem conciso, apesar de ela ter utilizado os indicadores de desempenho ao invés de objetivos.

g - Plano de aula contido no ANEXO G

Tema da aula: Agrofloresta

Data: 10 de dez de 2018

Professor: Carlos Lima

Carlos iniciou a aula procurando nossos conhecimentos prévios e usou diferentes dinâmicas na aula e materiais didáticos, como texto, música, livro, alimentos etc etc. Dessa forma, a aula dele nos motivou a querer saber sobre o assunto. Além disso, ele abordou um tema muito interessante para as diferentes áreas presentes na aula, tornando o assunto interdisciplinar, embora ele pudesse ampliar um pouco mais o debate para a criação animal. O professor também seguiu uma sequência lógica, onde o início abarcou uma ideia geral de agrofloresta, o meio perpassou a importância e o planejamento dessa forma de plantio e finalizou com o calendário agrícola lunar. Nesse momento, Carlos poderia ter explorado mais o senso crítico de oposição ao sistema convencional. Ainda nesse quesito, ele poderia ter percorrido criticamente a questão do semiárido brasileiro e suas dificuldades relativas ao cultivo agroflorestal. Durante a apresentação ele mostrou a aplicabilidade da agrofloresta, focando em seus benefícios. O professor também demonstrou estar inteirado do conteúdo e

aproveitou para nos fazer alguns questionamentos durante a aula. Essas perguntas serviram como método avaliativo da aula.

Carlos conseguiu ter um domínio da sala, do tempo e ainda manter uma boa relação dialógica de troca de experiências entre o professor e o aluno. Ele procurou trazer uma linguagem mais simples para que todos pudessem entender, além de explicar termos técnicos os quais algumas pessoas desconheciam. Ao final da aula, ele fez um breve fechamento. Para além disso, o plano de aula estava bem sucinto.

h - Plano de aula contido no ANEXO H

Tema da aula: O que são as Áreas de Preservação Permanente - APPs no novo Código Florestal Brasileiro

Data: 10 de dez de 2018

Professora: Rúbia Melo

Rúbia iniciou sua aula perguntando-nos sobre o que sabíamos de áreas de Preservação Ambiental, ou seja, consultando nosso conhecimento prévio, e já foi iniciando as considerações a serem feitas a partir desse debate. Nesse momento, ela já começou a utilizar cartolinas, tarjetas, croqui em isopor de uma mata ciliar, a exposição de conteúdo e de experiências próprias dela no trabalho. Essas dinâmicas, que se complementam, exploradas por Rúbia possibilitaram com que a turma pudesse se motivar a saber sobre o assunto, bem como garantiu uma sequência lógica a ser seguida. O conteúdo escolhido pela professora também era estimulante por ser polêmico, já que o novo código florestal gerou muitos debates ao ser produzido, pois beneficia grandes empresas e não as florestas. Esses conteúdos abordados da forma como a professora fez, garantiu uma aula com debate sobre a utilidade e com promoção do senso crítico. Além disso, a professora teve controle do tempo e da sala, além de ter incentivado uma relação da mesma com os estudantes mais próxima.

A linguagem utilizada em toda a apresentação foi bem acessível, apesar de estarmos lidando com leis, Rúbia procurou facilitar e explicar cuidadosamente na hora da apresentação. A aula foi bem interessante, também houve interdisciplinaridade com o direito, engenharia florestal, agricultura, porém, alguns temas poderiam ter sido trazidos para a aula, como a educação ambiental como ação primordial nas comunidades do entorno.

Para a avaliação, a professora dividiu a sala em dois grupos e pediu que cada grupo retomasse o conteúdo sobre a mata ciliar. A atividade foi interessante, mas ela poderia ter sido

mais complexa. Ao invés de ela ter entregue as respostas já escritas em tarjetas para os grupos organizarem de acordo com a pergunta, ela poderia ter pedido que nós escrevêssemos a resposta. E, finalmente, ao fechar a aula, a professora poderia ter feito uma recapitulação do conteúdo que vimos em sala .

i - Plano de trabalho contido no ANEXO I

Tema da aula: A importância da Cobertura Vegetal para o Solo

Data: 17 de dez de 2018

Professor: Adalberto Francisco da Silva Júnior

Adalberto começou a aula dele nos perguntando sobre os nossos conhecimentos prévios sobre o assunto, o que já deu início ao debate. A relação do professor com o aluno foi interessante, já que o professor tentou ao máximo se aproximar dos estudantes e tornar o debate mais horizontal. Adalberto também utilizou alguns materiais didáticos que fizeram com que a aula fosse mais dinâmica, bem como ajudou a contextualizar o assunto. Entretanto, ele poderia ter explorado mais assuntos que poderiam gerar uma reflexão crítica e posicionamento frente a questões tão polêmicas sobre o uso da terra. Ele seguiu uma sequência lógica do tema, partindo do que é a cobertura vegetal, passando pelas importâncias, funções e tipos, até chegar aos impactos de ter a cobertura vegetal e de não a ter. E, foi a partir desse último tema que ele puxou uma atividade, a qual foi a avaliação, com um tema sendo área degradada e o outro área preservada, em que o mesmo dividiu a turma em duas e pediu que cada fizesse um cartaz sobre cada tema. Nesse momento, o professor poderia ter entusiasmado mais a turma para que pudéssemos examinar com mais afinco o tema que cada grupo ficou.

Durante a aula, a linguagem utilizada foi bem acessível, os debates sobre a aplicabilidade e utilidade ficaram em segundo plano ou não foram explorados e ele terminou por se distanciar de outros temas e disciplinas que poderiam estar presentes a apresentação, como o policultivo. Por isso, sua aula terminou bem antes do tempo, mesmo tendo nutrido o controle da sala para que os temas elencados fosse abordados. Dessa forma, ele demonstrou domínio do conteúdo que se propôs a debater. Finalmente, no fechamento da aula, o professor fez uma rápida contextualização do conteúdo debatido em sala, mas ainda de forma superficial. Analisando o plano de aula de Adalberto, pude perceber que ele seguiu muito bem

o que escreveu, porém ele adicionou uma atividade extra no plano, “viagens técnicas”, a qual não daria para realizar na aula. Nesse caso, ele poderia ter suprimido isso ou colocado como um tópico em conteúdo para que a turma pudesse planejar uma viagem futura.

j - Plano de trabalho contido no APÊNDICE A

Tema da aula: introdução a bioconstrução

Data: 17 de dez de 2018

Professora: Maria Gabriela Freire Lins

Inicialmente procurei saber sobre os conhecimentos prévios da turma sobre o que é a bioconstrução e depois pedi que lessem um texto curto. Após esse momento, iniciei o debate em uma roda, para que a relação com os estudantes fosse mais horizontal e dialogada, sobre o conceito, os princípios e depois, os tipos de bioconstrução mais conhecidos. Durante a apresentação tive a intenção de introduzir o assunto e motivar os estudantes a partir da curiosidade sobre um assunto novo e, por isso, procurei seguir uma sequência lógica partindo do geral para o específico utilizando uma linguagem mais acessível. Então busquei, como professora, levar diferentes materiais didáticos e controlar o tempo e a turma para que não fugíssemos do assunto. Nesse sentido, procurei também trazer outras disciplinas que dialogam com esse assunto de forma contextualizada a partir do senso crítico. Para isso, procurei estudar para que eu tivesse mais domínio do conteúdo.

Ao final da aula, por conta do debate, tivemos pouco tempo para terminar nossa avaliação, porém conseguimos realizá-la ainda de outra forma e comentar brevemente. Dessa forma, fechei a aula somente comentado sobre a atividade e não sobre o laboratório de ensino como um todo. Ademais, não lembrei de comentar sobre dois materiais descritos no plano de aula, bem como não lembrei de focar na bioconstrução no bem estar animal.

Todas essas experiências descritas nesse item possibilitaram um início no estudo do processo organizativo de uma aula, já que essa foi a primeira vez que preparamos uma aula e também a apresentamos. Foi nesse primeiro laboratório de ensino que nos debruçamos na análise das aulas dos demais estudantes da turma para que, através das especificidades de cada apresentação, a turma pudesse construir conhecimentos acerca do exercício da docência, de forma a nos formar quanto cumpridor de uma docência dialógica, participativa, prazerosa,

crítica e estimulante. Essa prática também nos desafiou a explorar a nossa criatividade, assim tivemos que usar as ferramentas que tínhamos em mãos dentro de condições acordadas em sala de aula. De fato, nesse momento, nosso olhar se direcionou a um tipo de aula diferente daquelas que experienciamos geralmente durante as nossas formações acadêmicas, o que não foi fácil para nós que havíamos vindo de um sistema educacional extremamente convencional. Assim sendo, nos propomos a apresentar laboratórios que não usufrissem dos privilégios do uso do data show e que fossem adaptados a um espaço ao ar livre, o “barracão, espaço construído dentro da universidade para promover o diálogo de saberes entre o campo e a cidade. A experiência propiciou mais ousadia para o afloramento de como ter uma postura de professor de acordo com os princípios os quais primamos.

3.2 Estágio curricular obrigatório II

3.2.1 Laboratório de ensino em nível técnico profissional (EC II)

A observação dos laboratórios de ensino, são relatados as experiências da prática de ensino de todos os discentes da disciplina de ECO II, os quais estão em processo de prática docente. Para isso, a escrita dos laboratórios de todos os estudantes considera durante a avaliação uma prática docente completa que abarque características, como: lançamento temático - relação do conteúdo com a disciplina e o curso, valorização dos conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), relação do tema com os conhecimentos prévios, interação professor(a) e aluno(a), dinâmicas, metodologia, sequência lógica dos conteúdos, recursos didáticos, bibliografia, contextualização, domínio do conteúdo, administração do tempo, avaliação da aula/conclusão/fechamento. Para além disso, deve-se ter em mente que a criatividade deve ser estimulada desde a formação teórica até apresentação, ou seja, em todo o percurso.

O objetivo desta fase foi dar continuidade ao exercício do semestre anterior, voltando o nosso olhar para a adequação ao nível técnico profissional, bem como, ampliando e aprofundando as reflexões sobre a prática pedagógica. A seguir serão descritos os principais pontos didático-pedagógicos observados e apontados como relevantes nas aulas assistidas dos colegas.

a - Plano de trabalho contido no ANEXO J

Tema da aula: Compostagem

Data: 14 de maio de 2019

Professora: Adalberto Francisco da Silva Júnior

Não acompanhei a aula conduzida por Adalberto, mas pude participar do momento de avaliação e diálogo sobre a apresentação do mesmo, bem como recebi o plano de aula dele.

De acordo com os colegas de turma, Adalberto começou a aula com uma atividade inicial para estimular o assunto e o debate. Para isso, ele perguntou “O que vem na sua cabeça quando se fala em compostagem?”, com isso, ele conseguiu informações importantes das pessoas para que o assunto fosse destrinchado. Entretanto, nesse momento Adalberto poderia ter usado as tarjetas da mesma cor para auxiliar na sistematização do que foi dito pelos estudantes. Além disso, teria sido importante que Adalberto tivesse localizado o tema da aula na disciplina que ele escolheu, no caso, Biologia do solo. Além disso, foi positivo Adalberto trazer o saco com solo, mas ele poderia ter explorado mais esse recurso que levou para aprofundar ainda mais o tema. Ainda de acordo com os colegas, Adalberto conseguiu administrar o tempo, mostrou domínio do conteúdo, procurou interagir com a turma, procurou apresentar um pouco da prática da compostagem. Segundo os colegas, ele faltou somente explorar um pouco mais as dinâmicas para conseguir que a turma não se dispersasse e participasse mais.

b - Plano de trabalho contido no ANEXO K

Tema da aula: Introdução às boas práticas de fabricação - definições

Data: 14 de maio de 2019

Professora: Clara Almeida

Clara iniciou a aula consultando-nos “qual a importância de se ter boas práticas de fabricação? e pra quê?”. Dessa forma, ela começou a aula fazendo com que os estudantes já justificassem o porquê de se estudar essas boas práticas. Assim sendo, ela explicou sobre as boas práticas, tempo de prateleira, perigo biológico (contaminação), perigo físico, perigo químico etc. E, a partir do ambiente da sala de aula, ela comparou com um lugar que seria

ideal para a fabricação, pensando nas regras para que a segurança alimentar e nutricional seja garantida. Ao final, ela passou um exercício para os estudantes responderem algumas coisas e debaterem no coletivo. Dessa forma, ela recapitulou o que foi trabalhado em sala. Durante a aula ela procurou localizar a disciplina no curso de técnico em alimentos e na disciplina de Programas (Boas Práticas de Fabricação). A aula de Clara foi bem proveitosa, respeitou o tempo, mostrou domínio do conteúdo, procurou fazer o papel de professora mediadora dos conhecimentos, ajudando a turma a construir e organizar os conhecimentos que as pessoas já tinham sobre o assunto. Para organizar as informações e sistematizá-las, Clara procurou usar o quadro, o que foi simples e eficaz. Entretanto, a aula de Clara poderia ter contextualizado um pouco, nesse caso, ter feito uma crítica mais diretiva acerca da importância da aula no cenário atual e a situação de alguns alimentos/produtos contaminados pela falta das boas práticas de fabricação.

c - Plano de trabalho contido no APÊNDICE B

Tema da aula: Sistemas agroalimentares e as culturas regionais

Data: 11 de junho de 2019

Professora: Maria Lins

Esse foi o meu laboratório de ensino, no qual apresentei o tema “Sistemas agroalimentares e as culturas regionais” a partir de uma disciplina, Culturas Regionais I, que estou acompanhando junto ao meu professor do estágio. A aula apresentava uma aula introdutória onde fazia a relação das culturas regionais de Pernambuco com os sistemas agroalimentares. A aula iniciou com uma dinâmica para se trazer alguns alimentos ao debate. Após isso, seguiu-se com o intuito de relacionar as experiências dos estudantes com alimentos ao cenário atual de uma agricultura com o agronegócio de modelo de produção. Foram usados os seguintes recursos: quadro, pilot, tarjetas, imagens, cartolina e bandeja. Para deixar a aula mais dinâmica e para possibilitar a valorização dos conhecimentos dos estudantes, procurei estimular a fala através de questionamentos, de forma a perguntar os estudantes sobre o que eles já conheciam de suas próprias vivências, para assim, ter materiais que poderiam ser utilizados nas próximas aulas e assim ir construindo conhecimento nessa aula e conectando às outras.. Também utilizei de perguntas retóricas que pudessem provocar o questionamento internamente. Utilizar tarjetas no chão e o quadro para ir sistematizando as informações. Ao

final, fiz um apanhado da aula decorrida. Algumas pessoas acharam a estratégia de questionar várias vezes boa e outras não gostaram. Algumas sugestões foram para que eu levasse alguns dados, estruturar a aula de forma mais construtivista.

d - Plano de trabalho contido no ANEXO L

Tema da aula: Extração e utilização do veneno das abelhas: apitoxina

Data: 11 de junho de 2019

Professora: Tuanny Araújo

Tuanny iniciou o laboratório dela perguntando o que os estudantes entendiam por “veneno”, visto que partíamos por negatizar o significado, ela nos perguntou se conhecíamos um veneno que promovesse algo bom, assim então, ela iniciou falando sobre um breve histórico da apitoxina. Assim sendo, ela falou das características da apitoxina, as propriedades, a produção, a extração da abelha, a utilização dessa toxina e da apiterapia. A apresentação seguiu-se através de datashow, a partir do qual ela mostrou a estrutura da abelha e foi dialogando sobre o assunto e os mitos. Durante a apresentação ela demonstrou domínio do conteúdo e do tempo também, já que seu laboratório teve que ser mais curto que os demais, o que prejudicou o planejamento das atividades da professora. Em virtude disso, alguns conteúdos deixaram de ser aprofundados. Tuanny também procurou localizar o assunto dentro da disciplina de apicultura e, para além disso, conectar o tema com os outros laboratórios de ensino da turma e também com outros momentos vivenciados por todos. Os conteúdos da aula foram dispostos de uma forma lógica e durante a apresentação ela procurou trazer perguntas que pudessem aproximar os conhecimentos dos alunos e da professora. A aula de Tuanny deixou a curiosidade sobre o assunto avivada.

Diferente do primeiro laboratório de ensino, esse se caracteriza por ser direcionado aos estudantes os quais estávamos acompanhando na unidade educativa. Portanto, os laboratórios deveriam estar de acordo com a matriz curricular dos cursos acompanhados e, se possível, relacionados com as disciplinas assistidas. Dessa maneira, a experiência possibilitou entendermos como adaptar os conteúdos das disciplinas a outras dinâmicas, já que a proposta, bem como no ECO I, era de se envolver na criatividade e procurar alternativas de aulas que fossem o mais convidativas possíveis. Nesse sentido, as pessoas da turma que ministraram

seus laboratório puderam ser avaliados no que diz respeito às metodologias utilizadas e a adaptação das aulas aos cursos que acompanhamos no nosso ECO II.

É a partir dessa experiência de laboratório de ensino que o sentimento de futuro profissional da educação começa a aflorar, já que uma pessoa educadora precisa experimentar metodologias diferentes sabendo que os públicos também são diferentes. Em consonância a uma aula de acordo com o pensamento freiriano, deve-se proporcionar o pensamento crítico, bem como voltado à realidade local. Nesse sentido, nos desafiamos a priorizar a adequação das aulas a partir do método de Paulo Freire, onde constrói-se conhecimento a partir da vivência dos atores principais, no caso, os estudantes. E foi essa a maior inspiração dessa etapa.

3.2.2 Observações de aulas

Neste capítulo, intenciona-se relatar o acompanhamento de um docente na unidade agrícola escolhida, no caso, o Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas, com o intuito de entender como se dá, dentro das condições reais, a prática docente. Para isso, utilizamos um roteiro de observação, contido no final desse relatório, no anexo M, construído e debatido em sala de aula com os demais estudantes componentes da turma e com a professora orientadora. Tal roteiro de observação leva em consideração três etapas a serem observadas: itinerário pedagógico; considerações sobre o itinerário pedagógico; e, por fim, o fazer docente. As apreciações referentes a esses tópicos estão descritas a seguir.

3.2.2.1 Itinerário Pedagógico

Nesses ítem, elencamos cinco subitens, sendo eles: etapas metodológicas; levantamento do conhecimento prévio; contextualização; recursos didático utilizados; e formas de avaliação. Dessa forma, neste ítem o olhar está direcionado a observar e esmiuçar quais e como são as etapas que o docente escolhe e planeja para pôr em prática na sala de aula, tendo em vista que os estudantes do CODAI são, em sua maioria, jovens, mas com a presença também de adultos.

a) Etapas Metodológicas: Durante as aulas acompanhadas, o professor inicia a aula apresentando o que será debatido em sala no dia, de forma a apresentar uma descrição do que

será visto na a aula. Após esse momento, ele procura conceituar de forma geral o conteúdo. Então, começar o aprofundamento acerca dos conteúdos. Nesse momento, ele apresenta alguns exemplos do assunto abordado que possam se relacionar com a realidade enfrentada pelos estudantes. Por fim, o docente faz o fechamento da aula recapitulando alguns exemplos e mostrando a importância de se saber ao conteúdo. Em algumas aulas, após a introdução geral do conteúdo, o professor convida os alunos para realizar uma prática, no território do colégio, relativa ao conteúdo trabalhado. Nessa prática, o docente esmiuçou os aspectos técnicos.

b) Levantamento do conhecimento prévio: Nas etapas metodológicas iniciais, na apresentação do conteúdo e na conceituação, o professor procura provocar os estudantes sobre o que eles conhecem acerca do tema do dia. Nesse caso, busca-se conhecer as experiências que os estudantes tiveram em outras disciplinas ou até mesmo fora do Colégio e relacioná-las aos conhecimentos técnicos. Para estimular a participação e o compartilhamento de conhecimentos, ele pergunta: “você conhece alguma plantação?”, “você já plantaram?”, “você já viu em alguma disciplina?”, “você acha que isso é o que?”.

c) Contextualização: Com as perguntas descritas acima, ele procura também contextualizar os estudantes com a realidade do entorno e até mesmo do lugar onde hoje está localizado o CODAI, local onde se plantou bastante cana de açúcar. Além disso, ele fala de experiências com a agricultura familiar da região e do estado de Pernambuco, fazendo um apanhado também a nível nacional. Ademais, o professor contextualiza os conteúdos com uma propriedade que o mesmo tem, mostrando as fotos e contando a experiência pessoal.

d) Recursos didático utilizados: datashow, quadro, enxada, ciscador, enxadeco/chibanca, sementes, celular para mostrar fotos.

e) Formas de avaliação: participação nas aulas práticas e teóricas, através da capacidade de reflexão e indagação, apresentação de trabalho, atividades individuais e demais atividades passadas em sala.

3.2.2.2 Considerações sobre o itinerário pedagógico

a) Relação teoria/prática: Nas atividades práticas do conteúdo, o professor leva os estudantes a campo. Nesse momento, ele incentiva a aproximação daquilo que foi debatido em sala de aula e o experimento que os estudantes fazem de plantio.

b) Abordagem interdisciplinar: Durante as aulas, o professor fala de algumas notícias atuais que estão relacionadas ao conteúdo ou a competência da futura profissão dos estudantes e a atual formação do sujeito. Assim o professor estimula os estudantes, a partir de perguntas, a falarem de seus conhecimentos de mundo, que são seus conhecimentos prévios, e também os conteúdos debatidos nas outras disciplinas.

c) Envolvimento dos(as) educadores(as): Alguns dos educadores, nesse período que acompanhei, procuraram se reunir algumas vezes para pensar em uma atividade prática conjunta, onde dois professores pudessem usufruir, juntamente com os estudantes, da interdisciplinaridade. Entretanto, essa atividade não foi pensada com a participação de mais do que dois professores, visto que seria importante construir com todos os docentes as atividades do período.

d) Estímulo a criatividade: a criatividade ainda é pouco explorada pelo professor, o qual recorre a poucas dinâmicas durante a aula que estimulem o pulsar da imaginação dos estudantes. Entretanto, o docente tenta direcionar os questionamentos feitos em sala ou em campo para que os estudantes interpretem as situações a partir de seus conhecimentos, bem como o professor incentiva que os estudantes desenvolvem dinâmicas de apresentação de trabalho e de desenvolvimento de atividades práticas.

e) valorização do conhecimento popular: O professor sempre procurou partir do conhecimento popular, a partir de situações do cotidiano e dos saberes dos estudantes e de suas famílias. Nesse aspecto, sempre buscou relacionar esse resgate dos conhecimentos com a formação territorial do próprio município, o qual se baseou na ação das usinas de cana-de-açúcar. Dessa forma, o docente incentiva o retorno a esse conhecimento desvalorizado pela conjuntura atual, de maneira a pensar na importância de seu enaltecimento para a população local. O professor faz isso através dos conteúdos e da caracterização das culturas vegetais elencadas em sua disciplina.

3.2.2.3 O fazer docente

a) Relação professor/aluno: a relação do professor/aluno é fundamental no ensino, para que a construção do conhecimento não seja afetada pelo distanciamento do professor. Para tanto, é importante que o professor consulte os estudantes no decorrer da disciplina, de maneira a permitir a valorização do que os estudantes consideram como importante de se elencar sobre a dinâmica das aulas, sobre a própria turma e sobre o professor. Através dessa

prática de valorização das opiniões, o aluno pode ser motivado a investigar mais informações sobre a própria disciplina e compartilhar com os colegas de turma. Tendo isso em vista, o docente observado procura no decorrer de suas aulas dar espaço para os alunos falarem a suas impressões sobre as aulas e também sobre como querem que as aulas práticas e teóricas sejam. Dessa forma, ele sonda as expectativas dos estudantes, para que aula seja prazerosa e não onerosa para todos, já que o desejo do professor não deve ser prioridade máxima. Apesar de o professor ter iniciado as aulas assim, no decorrer do semestre ele modificou sua dinâmica com as turmas, a qual passou a ser de forma mais convencional, através de slides e aulas expositivas, momento em que preferiu não fazer a aula prática de plantio.

b) Atividades de planejamento: o docente faz o plano de ensino, o qual identifica as atividades que serão desenvolvidas no período letivo da disciplina e o apresenta à turma no primeiro dia de aula, onde tem a possibilidade de perguntar os anseios dos alunos frente a algumas atividades para que, juntos, possam pensar em uma melhor alternativa metodológica. Estruturalmente, o plano de ensino do professor contém as informações gerais da disciplina e do professor, a ementa, os objetivos, além de trazer elementos do caminho que o professor escolheu para apresentar novos conteúdos, assim como os conteúdos pragmáticos, os critérios de avaliação e bibliografias que os estudantes podem consultar. As aulas do professor não são feitas a partir de um planejamento escrito, apenas segue o caminho elaborado e descrito no plano de ensino. Para que os estudantes se preparem para os próximos conteúdos, no final de cada aula ele aponta qual será a temática da próxima aula.

Este capítulo de observações das aulas abarca informações importantes coletadas in loco sobre o itinerário pedagógico do professor acompanhado, além das considerações sobre esse itinerário e sobre o fazer docente. Esses dados permitem a mim, enquanto educadora, pensar em como organizar os conhecimentos da melhor forma para que eles possam ser compartilhados com os estudantes em sala de aula. De fato, percebe-se na prática, que não há um modelo de ensino que possa se aplicar sem comedimento. Para tanto, pude perceber também a importância da análise profunda das diferentes metodologias e recursos para as diferentes finalidades. Portanto, entendo que o diagnóstico auxilia nessa etapa, já que é partindo da disponibilidade de espaço, materiais e funcionários da instituição, pode-se encontrar as melhores formas metodológicas de se trabalhar diferentes conteúdos com diferentes sujeitos.

Ainda dentro dessa temática, percebo que o interesse do estudante da instituição tem interferência direta do fazer docente, já que é a partir da figura do professor que o conteúdo ganha forma. Nesse momento, percebo que modelos hierárquicos dentro de sala de aula tendem a provocar o distanciamento e, algumas vezes, o desprezo das aulas. Por fim, identifico que a dinamização da aula, começando pela interdisciplinaridade e o uso de diferentes ferramentas, promove a propensão para a curiosidade, o que torna a construção do conhecimento mais agradável e, ousado dizer, divertida.

3.3 Estágio curricular obrigatório III

3.3.1 Observação de aula (s) e problema (s) evidenciado(s)

Nessa etapa foram observadas duas aulas de um professor que escolhemos e acompanhamos durante o período do ECO III. Então, tendo como base tudo o que vimos até o quinto período, além do que estávamos vendo durante o sexto, visitamos as aulas do educador com o olhar direcionado aos problemas encontrados em sala de aula. Portanto, o objetivo dessa atividade foi identificar as diversas adversidades enfrentadas por professores e estudantes em sala de aula, que poderão interferir no processo de ensino e aprendizagem. As aulas foram observadas no CODAI, no Curso de Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, a disciplina acompanhada foi a de Topografia, na turma do 2º período integrado. As duas observações foram feitas no dia 28 de Agosto de 2019, durante as aulas de “divisão da topografia” e “etapas do levantamento topográfico”.

Assim sendo, foi possível observar que os estudantes são muito dispersos e durante a aula, conversam paralelamente e saem bastante da sala para passear; o uso de celular em sala de aula é exagerado, além disso, não se tem o controle dos estudantes que passam muito tempo fora de aula.

Assim, é possível entender que a aula não é muito atraente para os estudantes, então pode-se apontar como possíveis soluções para esses problemas: modificar a disposição das cadeiras em sala de aula, as quais podem ser arranjadas de outra forma para que os estudantes fiquem um do lado do outro em semicírculo; durante a aula, o docente pode pedir que os estudantes façam dinâmicas adequadas ao tema que despertem os estudantes e os animem a permanecer atentos; pode-se dispor de pequenos intervalos entre aulas para que os estudantes

possam respirar, andar e ir ao banheiro; durante a aula também pode-se pedir que os estudantes mexam nos celulares para pesquisar algo sobre o tema, dessa forma o celular se torna uma ferramenta e não um problema.

É de extrema importância observar como se desenvolvem as aulas nas instituições de ensino onde iremos reger nossa docência, já que é essencial partir do que já existe, a partir de um diagnóstico, para se criar novas possibilidades de se ver o mundo. Nesse sentido, o fato de nossos olhares irem direcionados principalmente aos problemas que ocorreram na sala de aula, bem como para as possíveis causas disso e também para a solução, fez com que nossa experiência fosse usufruída o máximo possível. Pois, dessa forma, conseguimos ampliar o debate acerca de uma docência dependente de outros fatores, mas que também não é sólida e pode ser modificada para melhor se adequar a realidade oferecida pela unidade, sendo essa mediada pelos professores ou estagiários.

3.3.2 Entrevistas com os estudantes da escola

Os objetivos dessa fase foram conhecer as demandas dos estudantes em relação às aulas ministradas na escola, visando sugestões no sentido de melhorar as metodologias adotadas e a relação professor-aluno e; também servir de suporte às regências dos estagiários de LA.

As entrevistas foram feitas no CODAI Centro, mesmo local onde foram realizadas as observações de problemas em sala de aula. Nesse local, no dia 18 de Setembro, foram entrevistados quatro estudantes do Colégio, dentre os quais, um menino que era do curso de técnico em Agropecuária e as outras, três meninas, que eram do Ensino Médio. A pergunta direcionadora foi: “Como vocês gostariam que as aulas fossem dadas? Por quê?”. Após as entrevistas serem realizadas, debatemos elas em sala de aula com os demais colegas de turma do LA e com a professora orientadora.

De acordo com os estudantes, os professores deveriam interagir mais com os estudantes, assim o docente deveria propor momentos de mais entretenimento para o entrosamento de todos. Dessa forma, os professores e alunos poderiam se tratar de uma forma mais horizontal e, segundo eles, tornar as aulas menos entediadas e cheia de conteúdos “chatos”. Além disso, os estudantes falaram que as aulas são “muito longas e cansativas”, já que geralmente ministra-se uma mesma disciplina em um turno. Uma solução apresentada

para isso seria diminuir a quantidade de aula de uma mesma disciplina em um turno. Apesar disso, comentaram que os professores são muito bons e especialistas nos conteúdos, só falta adequar isso a realidade deles. Por isso, tocaram no assunto de que o professor pouco ou nunca incentiva o uso da internet no celular, computador e demais ferramentas digitais em sala de aula e isso torna a aula ainda mais cansativa.

Eles comentaram também que a infraestrutura dificulta a assiduidade, já que tem poucos espaços para se divertir no Colégio e a estrutura do banheiro também não atende a todos os estudantes, tendo em vista que muitos ficam na escola o dia todo. Por isso, eles deram como alternativa um mutirão de pintura em todo o espaço. O único estudante da unidade de Tiúma falou que a situação desse campus é ainda pior, já que tem poucas estruturas construídas, fica distante de residências e comércio e não há local para se lanchar. Além disso, eles disseram que seria mais interessante ir a aula se houvesse mais atividades físicas, mais esportes, para que pudessem interagir entre si.

Tendo essas informações sistematizadas e debatidas em sala de aula juntamente aos demais colegas de turma e à professora orientadora, pude ter em mente algumas prováveis dinâmicas para que as aulas se tornassem mais agradáveis aos estudantes e, assim, a regência fosse mais voltada à realidade. Para além disso, me garantiu uma experiência para futuramente exercer a profissão. Outro ponto a destacar-se é que essa prática de entrevistar os estudantes sobre as aulas pode ser incluída na metodologia de ensino, para visar um melhor aproveitamento da aula. Isso porque, quando há o distanciamento entre os sujeitos, professor e estudante, pode-se também haver o afastamento das realidades e assim, os conteúdos não se relacionam com a vida dos estudantes. Quando se procura investigar as realidades através de entrevistas com estudantes, as soluções tendem a se tornar mais visíveis. De fato, foi isso que ocorreu quando me direcionei aos estudantes.

3.3.3 Regências de aulas

O objetivo desta fase foi exercitar e refletir in loco a atividade docente, bem como contribuir para a formação dos estudantes das escolas envolvidas. Nesta etapa estão descritas as informações sobre as aulas regidas por mim no CODAI no Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, durante o ECO III. A disciplina acompanhada foi a

de Topografia, com o professor Everson Batista de Oliveira, na turma do 2º período integrado. A seguir estão os assuntos e as datas de cada regência ministrada.

a - Assunto da aula: Altimetria

Data: 06/09/2019

Essa aula teve um caráter mais introdutório, em que caracterizou-se por como objetivos relacionar a altimetria a topografia, bem como descrever as funções do levantamento altimétrico. Por isso, teve como conteúdo programático o conceito de altimetria e a importância do levantamento altimétrico. Na aula foram debatidos os conceitos de cota, altitude, desnível, diferença de nível e declividade. Além disso, algumas dúvidas surgiram durante a aula sobre demais conceitos, esses foram discutidos em sala. A metodologia usada foi a partir de exposição dialogada, onde se utilizou data show, quadro e pilot como recursos didáticos e a avaliação foi feita através de questionamentos verbais durante toda a aula.

b - Assunto da aula: Introdução ao nivelamento geométrico

Data: 06/09/2019

Nesse momento o intuito era adentrar um assunto da altimetria, o qual será melhor debatido mais a frente na disciplina. Portanto, os objetivos eram conceituar o nivelamento geométrico e relacionar o nivelamento geométrico à profissão. Dessa forma, os estudantes teriam uma ideia mais ampla sobre o assunto. O conteúdos programáticos permearam o conceito de nivelamento geométrico, materiais usados em um nivelamento geométrico, utilização do nivelamento geométrico. A metodologia se seguiu a partir da exposição dialogada e de demonstração de como poderia ser feito o nivelamento geométrico. Foram usados os recursos didáticos quadro e pilot como principais e o data show para mostrar fotos. A avaliação ocorreu durante o decorrer da aula através de questionamentos verbais.

c - Assunto da aula: Impactos ambientais da agropecuária convencional

Data: 06/09/2019

O objetivo específico dessa aula, que tinha como proposta iniciar o debate crítico acerca da agropecuária no Brasil, foi avaliar os impactos ambientais da agropecuária convencional. O conteúdo programático caracterizou-se por debater os impactos ambientais da agropecuária convencional e a redução dos impactos da agropecuária convencional. Para

isso, a metodologia seguiu-se através de uma atividade em grupo e um debate com os conhecimentos prévios dos estudantes acrescidos dos meus. Os recursos usados para isso foram o data show, quadro, pilot, papeis e tarjetas, Como a aula caracterizou-se por incitar a construção de conhecimentos na sala a partir da atividade em grupo, a avaliação ocorreu a partir da participação e das respostas da atividade em grupo

d - Assunto da aula: Mitigações dos impactos ambientais da agropecuária convencional

Data: 25/09/2019

O objetivo específico dessa aula foi levantar alternativas para mitigar as atividades agropecuárias, tendo em vista que anteriormente, na outra aula, os estudantes levantaram alguns impactos provocados pela agricultura e pela pecuária convencional. Por isso, o conteúdo programático foi a redução dos impactos da agropecuária convencional. O compartilhamento de conhecimento acerca do conteúdo em sala foi dado através de uma exposição dialogada com os estudantes, onde eles elencaram os assuntos importantes, e também através de uma roda de conversa sobre os trabalhos da aula anterior, onde eles tinham anotado vários pontos que seriam debatidos nessa aula. Para isso, os recursos usados foram tarjetas, quadro e pilot. Durante toda a aula ocorria a avaliação com questionamentos verbais

e - Assunto da aula: Nivelamento geométrico

Data: 25/09/2019

Os objetivos específicos desta aula foram Identificar a necessidade de realizar o nivelamento geométrico e elencar materiais para fazer o nivelamento geométrico. Nesse momento, houve o resgate do conteúdo já debatido em sala anteriormente. Por isso, o conteúdo programático contemplou lembrar o nivelamento geométrico - simples e composto, a utilização do nivelamento geométrico e os materiais usados em um nivelamento geométrico. Para isso, as metodologias usadas foram a exposição dialogada, onde se levou imagens esquemáticas, também a demonstração no quadro, com construção conjunta com os estudantes. Os recursos didáticos usados foram o data show, quadro e pilot. A avaliação foi feita com questionamentos verbais sobre os assuntos já debatidos em sala sobre a topografia, bem como perguntas relacionadas aos impactos causados pela agricultura.

f - Assunto da aula: Nivelamento geométrico - exercício

Data: 25/09/2019

A aula teve como objetivo específico realizar o cálculo do nivelamento geométrico através de um exercício proposto. Por isso, o conteúdo foi um exercício de nivelamento geométrico de resgate teórico e de proposição para a prática. Dessa forma, a metodologia foi uma demonstração no quadro com uma resolução de exercício conjuntamente. Nesse sentido, foram usados somente o quadro e o pilot como recursos didáticos. Por fim, a avaliação foi feita através da participação dos estudantes na resolução do exercício, onde tentaram realizar os cálculos e onde perguntaram sobre diferentes formas de fazer o nivelamento.

g - Assunto da aula: Levantamento topográfico (aula prática)

Data: 25/09/2019

Os objetivos específicos da aula foram usar o equipamento do levantamento topográfico e escolher pontos de coleta. Já os conteúdos programáticos foram a montagem do equipamento e escolha dos pontos de forma conjunta, já que só havia uma estação total no CODAI. A metodologia deu-se através de uma prática de como montar o equipamento e coletar dados em grupo. Nessa prática de escolha do local e montagem do equipamento, algumas dúvidas foram incitadas de forma a relembrar os conteúdos que já foram compartilhados em sala e, dessa forma, o conteúdo ser fixado pelo desenrolar da prática. Assim sendo, foram usados como recursos didáticos a estação total, canetas e cadernos. A avaliação ocorreu de forma a analisar a participação dos estudantes na atividade em grupo durante a atividade.

h - Assunto da aula: Levantamento geométrico (aula prática)

Data: 25/09/2019

A última aula lecionada teve como o objetivo específico coletar dados com uso da estação total no CODAI e assim, fazer o fechamento do conteúdo trabalhado nas outras aulas nessa regência. Para isso, o conteúdo programático foi coletas de dados (cotas). A metodologia se deu a partir das coletas de dados em campo e em grupo. Dessa forma, os estudantes debateram os resultados, já que realizamos a atividade juntos. Os recursos didáticos utilizados foram a estação total com a mira falante, canetas e cadernos. A avaliação foi feita durante toda a atividade a partir da participação da atividade em grupo, a qual contava com a coleta de dados em grupo.

Tendo em vista essas 8 aulas apresentadas acima, o transcorrer das aulas regidas se seguiram de acordo com os dados coletados durante o processo principalmente do ECO III, mas também do ECO I e do ECO II. As coletas para culminar nas aulas foram feitas através da pesquisa de como funciona a instituição, de como funciona o planejamento do professor e de como os estudantes esperavam que as aulas fossem regidas. Assim sendo, foram feitos 8 planos de aulas correspondentes às aulas ministradas. Isso porque, ao aprender que o processo de ensino-aprendizado é complexo e mais importante do que somente o resultado final, entende-se que o planejamento das aulas é essencial para que o estudante entenda e se sinta sujeito ativo na sala de aula. Isto posto, as regências foram extremamente trabalhosas, entretanto, ainda mais prazerosas e educativas para mim enquanto futura professora. Para mais, nessas regências experimentamos diferentes metodologias nas aulas. Assim, nosso desafio era testar o máximo que podíamos do que havíamos aprendido no curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas. Por isso, os demais estágios foram primordiais para a realização plena das aulas, nesse momento, dentro de disciplinas de uma instituição.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção final das três disciplinas de estágio permite que os estudantes de Licenciatura em Ciências Agrícolas possam sistematizar as informações das experiências vivenciadas no período na forma deste relatório. Mas, além disso, a disciplina final do estágio, o ECO 3, permite a conexão e o debate dos conteúdos e experiências abordados ao longo do curso de LA. Essa trajetória configura-se a partir da iniciação à prática docente, onde acompanhamos as aulas de professores. Esse acompanhamento possibilitou observar de forma crítica as características das aulas de uma instituição da educação formal, a qual está direcionada o meio rural. Dessa forma, também foi possível elencar elementos qualitativos da prática docente no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas a partir da apreciação crítica das aulas de um professor da instituição.

No ECO I, essa pesquisa teve como enfoque entender os fundamentos seguidos da instituição, as metas e demais características do projeto político pedagógico, por isso, foi de extrema importância analisar o PPP de 2004, o qual necessita ser atualizado para que o texto esteja condizente com a realidade, já que esse documento representa formalmente a intenção da instituição. Por fim, o laboratório de ensino proporcionou uma vivência para nós, estudantes de Licenciatura em Ciências Agrícolas, para que a nossa carga pedagógica seja iniciada frente a realidade encontrada na educação. Por isso, foi extremamente importante que essa vivência ocorresse posteriormente a observação do CODAI, onde vimos que as dificuldades são grandes e que o ensino-aprendizado se dá de uma forma complexa que vai para além da sala de aula. Isso, por conseguinte, nos proporcionou ter um olhar diferente da educação e de como ela pode ser feita, fazendo com que nossa carga pedagógica seja iniciada de forma dinâmica, complexa e condizente por estar mais próxima à realidade.

No ECO II, obtivemos informações que completam um quadro de observação do(a) professor(a), que mostrou que a prática difere-se da teoria em alguns aspectos, já que algumas vezes faltam materiais na instituição que seriam necessários para realizar aulas demonstrativas aos alunos. A observação do professor no CODAI apontou para as dificuldades existentes no fazer docente, pois o que a instituição oferece não atende às necessidades que os professores têm para garantir aulas mais prazerosas. Isso porque, o ensino-aprendizado se dá de uma forma complexa que vai para além da sala de aula e assim sendo, não dá cabimento ao uso estrito da sala de aula, o que praticamos nos laboratórios de ensino. Nesses, nós pudemos

experimental, bem como no ECO I, diferentes assuntos dentro de diversas metodologias, o que nos alimentou de possibilidades para o exercício do estágio seguinte.

Por fim, no ECO III, percebemos o quão oneroso é planejar uma aula e colocá-la em prática, já que nesse processo nos envolvemos com seres humanos e todos eles têm complexidades próprias. Certamente o ato de ensinar só se torna mais completo quando os sujeitos são priorizados no processo e não somente os conteúdos, fazendo com que a prática seja complexa e, ao mesmo tempo, simples. Assim, foi nesse último estágio que pudemos experimentar de forma mais completa a docência, quando apresentamos a regência, em que estávamos sendo acompanhados por estudantes e pelo professor. Ademais, na busca de troca pelo processo ensino-aprendizagem, entende-se que ao mesmo tempo que nós acompanhamos o professor e sua turma, também estávamos acompanhados em todos os processos que não se referem somente à etapa da regência. Particularmente considero que esse é o ensaio de uma educação crítica onde o ciclo se completa de forma construtiva e possibilitando a transformação social.

5. CRÍTICAS E SUGESTÕES

De forma geral, os estágios foram bem construtivos e os aprendizados envolvidos nessas disciplinas foram incontáveis. Entretanto, é necessário se apontar contribuições para que as atividades continuem sendo benéficas e adaptadas aos sujeitos que estão participando delas. Por isso, no que se refere aos três estágios, acredito que a comunicação entre as professoras do estágio e a unidade educativa pode melhorar, para evitar atritos e “viagens perdidas”. Mas também acredito que uma parte disso compete ao estagiário. Apesar de ser geral, essa contribuição se adequa mais ao ECO I, por ser a primeira vez que visitamos a unidade educativa.

No ECO II, senti a necessidade de um diálogo maior com as demais disciplinas e do acompanhamento e do diálogo em sala de aula sobre as atividades realizadas na unidade educativa. Creio que a produtividade da atividade seria maior se incluíssemos o debate no processo, estimulando o compartilhamento de informações entre professora e estudantes estagiários.

Não tenho contribuições a fazer ao ECO III, visto que conseguimos ter uma experiência muito prazerosa tanto na prática quanto na teoria em sala de aula.

6. REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- BACCON, A. L. P. **Um ensino para chamar de seu: uma questão de estilo**. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 169p, 2011.
- BOLFER, MIMO. **Reflexões sobre prática docente: estudo de caso sobre formação continuada de professores universitários**. 2008. Tese de Doutorado. Tese de Doutorado. Piracicaba: UNIMEP.
- BRASIL, Lei N° 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. **Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 22 de maio de 2019.
- CARVALHO, A.M.P. **Prática de Ensino: os estágios na formação do professor**. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1985.
- CASCAIS, M. D. G. A., TERÁN, A. F. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em Tela. Rio de Janeiro**, v. 7, p. 1-10, 2014.
- CODAI-UFRPE. **O CODAI - Breve histórico**. Disponível em: <<http://www.codai.ufrpe.br/>> Acesso em 16 nov 2018
- CODAI. **Projeto político pedagógico**. São Lourenço da Mata. 2004.
- COSTA, M. V. Currículo e política cultural. In: COSTA, M. V. (org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- DA CRUZ, G. B.. A prática docente no contexto da sala de aula frente às reformas curriculares. **Educar em Revista**, v. 23, n. 29, p. 191-205, 2007.
- DINIZ-PEREIRA, J. E. A pesquisa dos educadores como estratégia para construção de modelos críticos de formação docente. In: ZEICHNER, K. M.; DINIZ-PEREIRA, J. E. (Org.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2011.
- DOS SANTOS, Luis Miguel Luzio et al. Teoria da Complexidade e as múltiplas abordagens para compreender a realidade social. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 14, n. 2, p. 47-72, 2012.

DUBEUX, Ana ; MEDEIROS, A.; VILACA, M.; SANTOS, S. **A construção do Conhecimento em Economia Solidária**. Sistematização de Experiências no Chão do Trabalho e da Vida no Nordeste. 1a. ed. Recife: F&A Grafica e Editora Ltda, 2012. v. 1. p,50.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p.1359, 2010.

GATTI, Bernardete A. Reconhecimento social e as políticas de carreira docente na educação básica. **Cadernos de pesquisa**, v. 42, n. 145, p. 88-111, 2012.

GIROUX, H. Professores como intelectuais transformadores. **In: Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, Rita de Cássia Medeiros. A formação dos professores no contexto atual. **Revista de Educação**, Universidade Anhanguera-Uniderp - Centro de Educação a Distância v. 14, n. 18, 2015.

IMBERNÓN, F. **Formação continuada de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

KUENZER, Acácia Z. Competência como Práxis: Os Dilemas da Relação entre Teoria e Prática na Educação dos Trabalhadores. **Boletim Técnico do SENAC**, Rio de Janeiro, Vol. 29, nº1. jan/abr., 2003.

MACHADO, M I S. A formação e a prática do educador e sua relação com a educação das classes populares. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - FGV - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1986.

MICHELS, M. H. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11 n. 33 set/dez 2006.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
file:///C:/Users/UFRPE/Downloads/11823-54948-1-PB.pdf

MORIN, E. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 3ª edição. Brasília: Cortez, 2001.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

SANTOS, Akiko. Complexidade e transdisciplinaridade em educação: cinco princípios para resgatar o elo perdido. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 37, p. 71-83, 2008.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 30ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1995. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 8ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003

SAVIANI, Dermeval. A História da educação e sua importância para a formação de professores. In: **Conferência de abertura do I Seminário de História da Educação Brasileira e Catarinense**: UFFS, 2013.

TARDIF, M. **Elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas conseqüências em relação à formação do magistério**. Universidade de Laval/PUC-Rio, 2000.

VEIGA, I P A. **Projeto Político Pedagógico da Escola - Uma Construção Possível**. Papyrus editora. 24ª ed, 2005.

7. ANEXOS

ANEXO A

Plano de aula
Clara Almeida
Assunto: Manejo de recém nascidos de grandes animais (equinos, bovinos, caprinos, ovinos)

Corteúdo	Situação didática	Indicadores de desempenho	Avaliação
-Fornecimento de colostro -Cura do umbigo -Preparo de tintura	Exposição dialogada Tarjetas Preparo de tintura de aroeira	-Reconhecer a importância do colostro. -Saber realizar a cura do umbigo -Reconhecer importância dos remédios naturais	Através da participação na exposição dialogada e de perguntas feitas aos alunos

Referências:

JACKSON, P. G. G. **Obstetrícia Veterinária**. São Paulo: Roca, 2006. 328 p.

LANG, André et al. Imunidade passiva em equinos: Comparação entre a concentração de IgG do soro materno, colostro e soro do neonato. *Ceres*, v. 54, n. 315, 2015. Disponível em: <<http://www.ceres.ufv.br/ojs/index.php/ceres/article/view/3256>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

MEIJER, A et al. *Chlamydophila abortus* infection in a pregnant woman associated with indirect contact with infected goats. **European Journal of Clinical Microbiology & Infectious Diseases**, v. 23, n. 6, p. 487-490. 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s10096-004-1139-z>>. Acesso em: 16 nov. 2018

PRESTES, N. C.; LANDIM-ALVARENGA, F. C. **Obstetrícia Veterinária**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 241 p.

SIMÕES, S. V. D. et al. Imunidade passiva, morbidade neonatal e desempenho de cabritos em diferentes manejos de colostro. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 25, n. 4, p. 219-224, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pvb/v25n4/a06v25n4>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SILVA, T. G. P. et al. Substituição do iodo por fitoterápicos no tratamento do coto umbilical de cabritos. **Archivos de zootecnia**, v. 67, n. 258, p. 284-287, 2018. Disponível em: <<https://www.uco.es/ucopress/az/index.php/az/article/view/3665/2260>>. Acesso em: 16 nov. 2018.

SMITH, B. P. **Medicina interna de grandes animais**. São Paulo: Manole, 2006. 1728 p.

ANEXO B



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO CURSO DE LICENCIATURA DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS

Professora: Gilvânia Gonçalves

Facilitadora: Milena S. Lima

Modalidade: Silvicultura

Data: 19/11/2018

Carga Horária: 40 min

Plano de Aula

Tema: **Produção de Mudras de Espécie Exótica Flamboyant mirim**

Objetivo Geral Ofertar oficina de Produção de Mudras Florestal Exótica, para os discentes do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas da UFRPE, no sentido de contribuir no processo de formação, sobre as relações dos indivíduos com a natureza.	Objetivos Específicos Proporcionar um momento que os futuros docentes possam assimilar os requisitos básicos para a produção de mudras; Compreender o processo de aulas práticas realizada pelo aluno; Refletir sobre práticas pedagógicas presentes em sala de aula; Tomar todo processo como oportunidade de ensino e aprendizagem; Ampliar a visão dos discentes sobre a importância do reflorestamento.
---	---

Recursos Utilizados: 30 sementes de espécie florestal Flamboyant mirim, 10 recipientes de garrafas pet, esterco caprino e bovino, solo, lixas de unha, pá pequena, luvas, folhas de ofícios, pilotos.

Conteúdo Programático	Metodologia de Ensino	Crterios de Avaliao
<ul style="list-style-type: none">✓ Conceito básicos de espécies exóticas e exemplos.✓ Métodos para superação da dormência de sementes.✓ Preparo de substrato caprino e bovino para produção de mudras de espécie florestal Flamboyant mirim.✓ Forma de plantio das sementes e o manejo cultural das mudras.	<p>Considerando os objetivos propostos, o desenvolvimento da oficina dar-se-á através de atividades diversificadas trabalhando em equipes e atividades extraclasse, proporcionando motivação, interação, dinâmica, no intuito de estimular os participantes, e de atividades que irão ajudá-los a assimilar o conteúdo abordado. A fundamentação teórica acontecerá de forma contextualizada, utilizando a observação e a interdisciplinaridade. No início da oficina, haverá uma apresentação dos participantes, onde eles dirão seu nome e o nome de uma árvore de espécie florestal. Na sequência apresentação da oficina e o objetivo.</p> <p>A fase inicial, começará a ser abordado o conteúdo da oficina, onde haverá uma paródia sobre o desmatamento das florestas, utilizando a melodia da música Asa Branca do cantor Luiz Gonzaga, após um debate.</p> <p>Serão apresentados os recursos que serão utilizados para iniciar o plantio das sementes nos recipientes, onde as sementes vão passar pela escarificação mecânica para facilitar a superação da dormência.</p> <p>Depois de escarificar as sementes, ocorrerá a mistura do substrato com o solo e o plantio.</p>	<p>Ao final, a avaliação será realizada de forma contínua, não apenas se centra no aluno, como também na equipe que intervém no processo.</p> <p>Todos os participantes irão finalizar o momento com uma palavra, sendo reflexiva no processo de ensino-aprendizagem.</p>

Referências:

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Regras para análise de sementes**. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Secretaria de Defesa Agropecuária. Brasília: Mapa/ACS, 2009.

http://www.agricultura.gov.br/assuntos/insumos-agropecuarios/arquivos-publicacoes-insumos/2946_regras_analise_sementes.pdf

EMBRAPA-Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Dormência em Sementes Florestais**. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/doc/290718/1/doc40.pdf>. Acesso em: 17 Nov. 2018.

Marília d. Massad et al. **Desenvolvimento de mudras de flamboyant e ipê mirim em resposta a diferentes doses de Osmocote**. Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/acsa/index.php/ACSA/article/viewFile/727/pdf>. Acesso em: 16 Nov. 2018.

DIAS, E. S. et al. **Produção de mudras de espécies florestais nativas: manual**. Campo Grande, UFMS, 2006. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/18-sementes-e-viveiros-florestais?Mudas de espécies florestais nativas](https://www.ufrb.edu.br/18-sementes-e-viveiros-florestais?Mudas%20de%20esp%C3%A9cies%20florestais%20nativas). Acesso em: 16 Nov. 2018.

ANEXO C



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Juliana Barros Gonçalves – 4º período – Estágio Curricular I – Profª Gil

PLANO DE AULA

Identificação:

DISCIPLINA: Estágio Curricular I

TEMPO DE AULA: 40 minutos

DATA: 26/11/2018

CURSO: Licenciatura em Ciências Agrícolas TURMA: 4º período

ASSUNTO DE AULA: Introdução ao Princípio Ativo de Plantas

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> ❖ Compreender o que são plantas medicinais; ❖ Entender o que é o princípio ativo das plantas; ❖ Reconhecer a importância dos princípios ativos de plantas. 	<ul style="list-style-type: none"> → Breve definição de plantas medicinais; → Conceituação e definição de princípios ativos de plantas e sua classificação. → A importância dos princípios ativos e seus usos nas diversas áreas das Ciências Agrárias. 	<ul style="list-style-type: none"> - Cartolinas; - Pilotos; - Quadro e giz; - Varal, barbante e pegadores; - Tarjetas; - Amostras de plantas (folhas, galhos e sementes); - Exposição Dialogada; - Trabalho em grupo; - Poesia 	<p>Avaliação será realizada de forma formativa com a participação dos alunos através de perguntas geradoras para que explicitem o que compreenderam do assunto:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. O que você entendeu? 2. O que mais te chamou atenção? 3. Em uma palavra destaque o que fixou do assunto.

REFERÊNCIAS:

BRANDELLI, C.L.C. Plantas Medicinais: Históricos e Conceitos. *In*: MONTEIRO, S.C.; BRANDELLI, C.L.C. **Farmacobotânica**: Aspectos teóricos e Aplicação. Porto Alegre: Artmed, 2017. Disponível em: <http://srvd.grupoa.com.br/uploads/imagens/Extra/legado/MMONTEIRO_Siomara_Cruz/Farmacobotanica/Lib/Amostra.pdf> Acessado em: 23 de novembro de 2018.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado da Educação. **Livro Xacriabá de Plantas Medicinais**: Fonte de esperança e mais saúde. Minas Gerais: Belo Horizonte, 1997. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me002585.pdf>> Acessado em: 23 de novembro de 2018.

OLIVEIRA, A. Princípios ativos das plantas medicinais: ações terapêuticas. **Centro de Produções Técnicas**. Minas Gerais: Viçosa, sd. Disponível em: <<https://www.cpt.com.br/artigos/principios-ativos-das-plantas-medicinais-acoes-terapeuticas>> Acessado em: 23 de novembro de 2018.

ANEXO D



Universidade Federal Rural De Pernambuco
Departamento de Educação / Licenciatura em Ciências Agrícolas

Plano de Aula

Educadora: Gilvânia Gonçalves

Facilitadora: Géssica Silva

Disciplina: Controle Biológico

Assunto: Manejo Ecológico do Ambiente (Controle Biológico)

Conteúdo	Situação didática	Indicadores de desempenho	Avaliação
-Introdução; - Histórico; - Tipos de Controle Biológico; - Controle Biológico no Manejo Integrado de Pragas (MIP); -Modalidades ou tipos de controle CB; -Exemplos de CB de sucesso -Agentes Entomopatogênicos	- Exposição dialógica; - Cartolinas; -Tarjetas; - Cola; - Piloto.	- Entender o que é Controle Biológico e IN; - Reconhecer a importância do controle biológico; - Compreender os tipos de CB;	- Presença; - Participação/interação dos discentes em sala, através de questionamentos e estímulos para a construção do conhecimento.

Referências Bibliográficas

- ALVES, S.B & LOPES, R.B. Controle Microbiano de Pragas na América Latina. Avanços e desafios. Piracicaba, FEALQ, 2008, 414p.
- ALVES, S.B. Coord. Controle Microbiano de Insetos. 2.ed. Piracicaba, FEALQ, 1998, 1163 p.
- GALLO, D., et al. Entomologia Agrícola. Piracicaba: FEALQ, 2002, 990p.

ANEXO E

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

PLANO DE AULA

IDENTIFICAÇÃO:

DISCIPLINA: Estágio Curricular I

ALUNA: Maysa Queiroz Pinto

TEMPO DE AULA: 40 minutos

CURSO: Licenciatura em Ciências Agrícolas

ASSUNTO: Princípios básicos dos Sistemas de Criação de Suínos

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Conhecer diferentes formas de criação de suínos.• Identificar os tipos de raças para cada sistema de criação.• Entender que é possível criar suínos promovendo o bem-estar.	<ul style="list-style-type: none">-Introdução sobre a importância da suinocultura.-Princípios básicos sobre a criação Intensiva, semi-intensiva e extensiva de Suínos.-Raças para cada sistema de criação-Diferenças entre o Sisco e o Siscal.	<ul style="list-style-type: none">- Tarjetas em cartolina.- Exposição dialogada.- Maquete.- Imagens impressas.	<ul style="list-style-type: none">- Perguntas sobre a diferenciação dos sistemas de criação.- Pedir para escolherem a melhor instalação para cada animal das imagens.

REFERÊNCIAS:

BRASIL, EMBRAPA SUÍNOS E AVES. **Sistemas de Produção:** Produção de Suínos. 2003. Disponível em: <<http://www.cnpsa.embrapa.br/SP/suinos/importancia.html>> Acesso em: 28 nov. 2018.

SARTOR, V., SOUZA, C. F., TINOCO, I. F. F. **Informações básicas para projetos de construções rurais:** Instalações para suínos. Universidade Federal de Viçosa – Viçosa, 2004. Disponível em: <<http://arquivo.ufv.br/dea/ambiagro/arquivos/suinos.pdf>> Acesso em: 28 nov. 2018.

ANEXO F

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Tuanny Araujo 4º Período- Estágio Curricular

Professora : Gil

PLANO DE AULA

Identificação:

Disciplina: Estágio Curricular I

Tempo de aula: 40 minutos Data: 03/12/2018

Curso: Licenciatura em Ciências Agrícolas Turma: 4º Período

Assunto de aula: Própolis e sua utilização.

CONTEÚDO	SITUAÇÃO DIDÁTICA	INDICADORES DE DESEMPENHO	AValiação
- Breve conceito da Própolis. -Onde encontrar e para que serve. -extração. -Beneficiamento.	<ul style="list-style-type: none">• Exposição dialogada.• Cartolina.• Piloto.• Preparo do extrato de Própolis.	-Reconhecer a importância da própolis. -Compreender os benefícios para o homem e para a abelha. - Entender o beneficiamento.	- Participação na prática do preparo. - Perguntas.

Referências: [apacame.org.br>artigo2](http://apacame.org.br/artigo2)

apimeabelhanativa.blogspot.com

ANEXO G



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PLANO DE AULA

Identificação:

DATA: 10/12/2018

DISCIPLINA: Agrossilvicultura

DURAÇÃO DA AULA: 40 minutos

PROFº: Carlos Roberto de Lima

ASSUNTO DE AULA: Agrofloresta

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTO E RECURSOS DIDÁTICOS	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Compreender o que é Agrofloresta;• Reconhecer a importância da Agrofloresta no Semiárido;• Entender como se planeja uma Agrofloresta no Semiárido;• Conhecer o calendário Agrícola e Lunar.	<ul style="list-style-type: none">• Conceituação e definição de Agrofloresta;• A importância da agrofloresta no semiárido;• Descrição dos pontos de um planejamento agroflorestal;• Demonstração dos plantios de cada mês.	<ul style="list-style-type: none">• Livro;• Xerox;• Tarjetas;• Piloto;• Áudio;• Banana, batata doce e inhame;• Folhas e flores de árvores florestais.	<p>Avaliação formativa com a participação e interação dos alunos e perguntas sobre o assunto da aula.</p>

REFERÊNCIA:

SOUZA, J. E.; SILVA, A. F. **Agricultura Agroflorestal ou Agrofloresta**. Recife: Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, 2008, 24p.

ANEXO H



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

RUBIA DE MELO GOMES

PLANO DE AULA

Identificação:

Disciplina: Estágio Curricular I

Tempo de Aula: 40 minutos Data: 10/12/2018

Curso: Licenciatura em Ciências Agrícolas Turma: 4º período

Assunto da Aula: O que são as Áreas de Preservação Permanente - APPs no novo Código Florestal Brasileiro

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTOS E RECURSOS DIDÁTICOS	AValiação
<ul style="list-style-type: none">✓ Compreender o que são Áreas de Preservação Permanente - APPs;✓ Entender o que o novo Código Florestal Brasileiro aborda sobre as Áreas de Preservação Permanente - APPs;✓ Reconhecer a importância das Áreas de Preservação Permanente.	<ul style="list-style-type: none">✓ Definição do que é uma Área de Preservação Permanente;✓ Breve histórico sobre o Código Florestal Brasileiro;✓ A importância de se preservar as Áreas de Preservação Permanente - APPs.	<ul style="list-style-type: none">- Cartolinas;- Piloto;- Maquete;- Targetas;- Trabalho em grupo	Avaliação será realizada de forma formativa com a participação dos alunos (as) através do jogo de montagem tipo quebra cabeça referente a delimitação de uma Área de Preservação Permanente - APP.

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA CÂMARA. **Código Florestal: entenda o histórico da legislação ambiental brasileira**, 20 de novembro de 2012. Disponível em: <<https://canalrural.uol.com.br/sites-e-especiais/codigo-florestal-entenda-historico-legislacao-ambiental-brasileira-34196/>> Acessado em: 05 de dezembro de 2018.

BRASIL. Lei nº 12.651 de 25 de maio de 2012. Brasília: **Diário Oficial da União, 28 de maio de 2012**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/12651.htm> Acessado em: 05 de dezembro de 2018.

EMBRAPA. **Área de Preservação Permanente (APP)**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/codigo-florestal/entenda-o-codigo-florestal/area-de-preservacao-permanente>> Acessado em 05 de dezembro de 2018.

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO PLANO DE AULA

Disciplina: Estudos Ambientais

Tempo de Aula: 40 minutos

Curso: Ciências Florestais **Turma:** 4º período

Professor: Adalberto Francisco da Silva Júnior

Assunto: A importância da Cobertura Vegetal para o Solo

Objetivos	Conteúdos	Recursos Didáticos	Avaliação
<ul style="list-style-type: none">→ Compreender o que é cobertura vegetal;→ Reconhecer os diferentes tipos de cobertura vegetal;→ Entender as principais consequências da retirada da cobertura vegetal do solo.	<ul style="list-style-type: none">→ Importância e funções da cobertura vegetal;→ Tipos de coberturas do solo;→ Impactos gerados a partir da retirada da vegetação.	<ul style="list-style-type: none">→ Fotografias de áreas degradadas e preservadas;→ Duas Cartolinas;→ Cola;→ Tarjetas;→ Piloto;→ Banner	<ul style="list-style-type: none">→ Participação dos alunos em sala de aula;→ Presença;→ Confecção de um mural com áreas degradadas e outro com áreas preservadas.

Referências:

- Cultivo Orgânico. A cobertura do solo é muito importante para as plantas. Disponível em <file:///C:/Users/adalb/Downloads/impressão%201%20.pdf>. Acessado em 10 de dezembro de 2018.
- MEDEIROS, C. et al. Falta de cobertura vegetal e suas consequências. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:etcdDuj-voJhttps://editorarealize.com.br/revistas/condis/trabalhos/TRABALHO_EV074_MD1_SA12_ID304_02102017235548.pdf+&cd=3&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acessado em 10 de dezembro de 2018.

ANEXO J

Plano de aula - Adalberto

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI

Curso: Técnico em Agropecuária

Componente Curricular: Biologia do Solo

Tema da aula: Compostagem

Professor: Adalberto Francisco da Silva Júnior

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão sobre o tema

Objetivos específicos:

- Conhecer o que é a compostagem, e como produzir a sua própria composteira;
- Instigar os alunos a refletir sobre os materiais que podem ser utilizados na composteira, bem como os materiais que não deve ser utilizado;
- Refletir sobre os fatores que podem interferir no processo da compostagem.

METODOLOGIA

- Exposição dialogada
- Texto introdutório sobre o tema
- Vídeo sobre composteira doméstica
- Tarjetas com subtópicos e desenhos ilustrativos referentes aos cinco fatores que podem interferir no processo da compostagem

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro Branco
- Data Show
- Tarjetas
- Vídeo
- Piloto para quadro branco
- Apagador
- Texto
- Computador

AValiação

Será feita através da participação dos alunos em sala de aula.

ANEXO K

Plano de aula - Clara

IDENTIFICAÇÃO:

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI

Curso: Técnico em alimentos

Componente Curricular: Programas (Boas Práticas de Fabricação)

Tema da aula: Introdução às Boas Práticas de Fabricação - Definições

Professora: Clara Almeida de Albuquerque

OBJETIVOS

Objetivo Geral: Desenvolver a compreensão do que são Boas Práticas na fabricação de alimentos e sua importância

Objetivos específicos:

- Lançar o tema e construir a definição do termo Boas Práticas de Fabricação (BPF) e sua importância.
- Refletir sobre os itens necessários ao programa de BPF
- Desenvolver a compreensão da importância e como deve ser feito o controle de pragas e da matéria prima.
- Refletir como são as instalações adequadas para a manipulação de alimentos
- Refletir sobre a higiene pessoal dos manipuladores de alimentos.

METODOLOGIA

- Exposição dialogada
- Exercício no final da aula

RECURSOS DIDÁTICOS

- Quadro e piloto
- tarjetas
- elementos da própria sala: lâmpadas, porta, piso, paredes, teto.
- objetos: brincos, colar, anel, celular, touca, luvas, máscara.

AValiação

Será feita através de exercício no final da aula no qual os alunos darão exemplos de medidas de Boas Práticas de Fabricação

ANEXO L

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

Tuanny Araújo 5º Período- Estágio Curricular

PLANO DE AULA

Identificação:

Disciplina: Apicultura

Tempo de aula: 40 minutos Data: 11/06/2019

Curso: Técnico agrícola

Assunto de aula: Extração e utilização do veneno das abelhas: apitoxina

CONTEÚDO	SITUAÇÃO DIDÁTICA	INDICADORES DE DESEMPENHO	AVALIAÇÃO
-Breve histórico. - Características da apitoxina. -Propriedades da apitoxina. -Produção e extração do veneno.	Exposição dialogada. Tarjetas/ quadro Piloto. Vídeo.	-Reconhecer a importância da apitoxina. -Compreender os benefícios para o homem. - Entender como ocorre a extração.	- Perguntas.

ANEXO M

Roteiro de Observação do Estágio Curricular II

I - Itinerário Pedagógico (Descrição)

1.1 Etapas Metodológicas **(Descrição)**

1.2 Levantamento do conhecimento prévio **(Como?)**

1.3 Contextualização **(Como?)**

1.4 Recursos didático utilizados

1.5 Formas de Avaliação **(Como?)**

II - Considerações sobre o itinerário pedagógico

2.1 Relação teoria/prática

2.2 Abordagem interdisciplinar **(Como?)**

2.3 Envolvimento dos(as) educadores(as)

2.4 Estimulo a criatividade **(Como?)**

2.5 valorização do conhecimento popular **(Como?)**

III - O fazer docente

3.1 Relação professor/aluno

3.2 Atividades de planejamento **(do curso, das aulas, de eventos de pesquisa etc.)**

8. APÊNDICES

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

PLANO DE AULA

Identificação:

DATA: 17/12/2018

DISCIPLINA: Bioconstrução

DURAÇÃO DA AULA: 40 minutos

PROF^a: Maria Gabriela Freire Lins

ASSUNTO DE AULA: Introdução a bioconstrução

OBJETIVOS	CONTEÚDO	PROCEDIMENTO E RECURSOS DIDÁTICOS	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Compreender os fundamentos da bioconstrução;• Debater a utilidades da bioconstrução;• Conhecer algumas técnicas bioconstrutivas;• Entender a importância da bioconstrução no cenário atual;	<ul style="list-style-type: none">• Fundamentos da bioconstrução;• Manejo e função do bambu;• Manejo e função do barro;• Alguns tipos de bioconstrução: adobe, superadobe, pau-a-pique, círculo de bananeiras.	Primeiro momento: xerox de um texto, tarjetas e fotos Durante a aula: pedaço de bambu; garrafa de vidro, palha, tronco; último momento: pilot e cartolina.	<ul style="list-style-type: none">• Perguntas durante a aula;• Construção de um croqui de um sítio a partir das ideias debatidas em aula.

Referências bibliográficas:

CANTARINO, Carol. Bioconstrução combina técnicas milenares com inovações tecnológicas. **Inovação Uniemp**, v. 2, n. 5, p. 46-47, 2006.

Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Extrativismo e Desenvolvimento Rural Sustentável. Departamento de Desenvolvimento Rural Sustentável. Curso de Bioconstrução. Texto elaborado por: Ceclília Prompt - Brasília: MMA, 2008.

APÊNDICE B

Plano de aula - Maria

1) Identificação

Instituição: Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas - CODAI

Curso: Técnico em agropecuária

Componente curricular: Culturas Regionais 1

Tema da aula: Sistemas agroalimentares e as culturas regionais

Professora: Maria Gabriela Freire Lins

2) Objetivos

Objetivo Geral: Introduzir no debate acerca das culturas regionais estudadas correlacionando-as com os sistemas agroalimentares, de forma a discutir produção, alimentação e política;

Objetivos Específicos:

- Debater sobre os sistemas agroalimentares;
- Construir o que são culturas regionais e o que relaciona o cultivo da terra às características populares locais (manifestações culturais)
- Elencar os fatores que interferem na diversidade dos cultivos;
- Relacionar produção, alimentação e política.
- Listar quais são as culturas regionais agrícolas conhecidas;
- Problematicar segurança e soberania alimentar e nutricional
- Construir um pequeno trabalho coletivo;

3) Metodologia

Aula dialogada, expositiva, participativa.

4) Recursos Didáticos

Quadro e projetor

Tarjetas

Imagens

Cartolina

Bandeja

5) Avaliação

Construir um pequeno corpo humano, em cartolina, representando “o que queremos com a nossa alimentação?”, “eu sou o que como?”

Dados sobre o estagiário

- Curso de origem: Engenharia Agrícola e Ambiental
- Endereço: Rua Professor Chaves Batista, n 200, Várzea
- Telefone: 989010630
- E-mail: mgabrielalins@gmail.com

Recife, _____ de _____ de _____

X

Assinatura do estagiário

X

Assinatura da professora orientadora do ECO I

X

Assinatura da professora orientadora do ECO II

X

Assinatura da professora orientadora do ECO III